

FIDÉLIS DALCIN BARBOSA

O PRISIONEIRO DA MONTANHA



9ª EDIÇÃO

CAPA DA 1ª. EDIÇÃO - FLAMBOYANT/SP - 1962 - 6.000 EXEMPLARES

Fidelis Dalcin Barbosa, além de admirador das belezas naturais dos Aparados da Serra, foi, também, entusiasta divulgador através de jornais, revistas e romances, nas décadas de 50 e 60 do século passado.

Nos tempos em que lecionava no Colégio Duque de Caxias, em Lagoa Vermelha, organizou diversas excursões, juntando também alunas do Colégio Rainha da Paz, para visitarem a região, quase sempre descendo a Serra da Rocinha ou do Rio do Rastro, incluindo as praias de Morro dos Conventos, Torres e o Cânion do Itaimbezinho. Segundo seu depoimento, Fidelis desceu sete vezes o Cânion, nascendo daí a ideia de escrever "Prisioneiros do Abismo", 3ª. edição em 1995.

No período das férias, Fidelis reservava uma temporada para acampar em alguma fazenda do interior de Bom Jesus, que naquele tempo incluía também o município de São José dos Azeites. Foi numa dessas ocasiões que, observando o Realengo, nasceu a ideia de escrever *O Prisioneiro da Montanha*, romance com certas semelhanças a aventura vivida por Robinson Crusoe.

Pedro Uliana, natural de Nova Treviso, SC, descendente de imigrantes italianos, torna-se o personagem desta curiosa aventura, vivida no início do século vinte e que em breve conhecerá as telas cinematográficas sob o mesmo título ou, talvez, de *O Prisioneiro do Realengo*.

Com o interesse de divulgar as maravilhosas paisagens dos Aparados da Serra, incluímos nesta edição 50 ilustrações coloridas, que, por certo, motivarão muitos leitores a visitarem a região.

Na pessoa do eng. Agrônomo da Prefeitura, Eder Luis Dal Tod, integrante do Conselho Municipal de Turismo e de Valdionir Rocha, prefeito municipal, agradecemos a comunidade de Morro Grande, disposta a partilhar com todos as belas paisagens da região dos Aparados.

Dalcin, Ignaclo

Fidélis Dalcin Barbosa

O Prisioneiro da Montanha

9ª. edição – (ilustrada) por ocasião
dos 25 anos de Morro Grande, SC



e 20 anos da morte do
autor.

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2017

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetoportunidade.com.br

e-mail para contato: projetoportunidade@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: O prisioneiro da montanha. Romance 9ª Ed. -Passo Fundo: Berthier, 2017. 144p.; il.; color.; 21cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

B238p Barbosa, Fidélis Dalcin

O prisioneiro da montanha [recurso eletrônico] / Fidélis Dalcin Barbosa. – 9. ed. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2017.

2,55 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-300-5

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetoportunidade.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Romance. I. Título.

CDU: 869.0(81)-31

Sumário

Apresentação	5
O Assalto	7
Os Botocudos	11
Bugreiros	15
O Estudante	19
Maria Helena	23
Na Prisão	27
Rumo ao Desconhecido	33
Tormenta	39
Prisioneiro	43
As Maravilhas dos Aparados	49
O Enigma do Futuro	53
Tigre	57
Intensa Atividade	61
Caçadas	63
O Fenômeno da Cerração	69
À Sombra do Nevoeiro	73
Pecuarista	75
Providências e Provisões	79
A Neve	85
O Grão de Milho	89

O Sermão da Montanha.....	95
A Traição do Cará.....	99
O Rolar dos Anos.....	103
Um Sonho.....	107
A Fuga.....	113
Em Casa.....	121
Prisioneiro do Amor.....	129
Endereços de Hotéis e Pousadas.....	142

Apresentação

Esta é uma edição especial de *O PRISIONEIRO DA MONTANHA*, motivada pelo interesse da administração de Morro Grande, SC, interessada em divulgar as belezas naturais da região, para quem cedemos os direitos autorais da filmagem deste romance, que ficou sob a responsabilidade de Jonas Schilling e é também, uma homenagem ao genial escritor Fidelis Dalcin Barbosa, falecido a 20 anos.

O autor, nascido em Carlos Barbosa, RS, batizado com o nome de Fidêncio Dalcin, foi grande apreciador e divulgador das belezas dos Aparados da Serra. Fidêncio, que como frei capuchinho e escritor, adotou o nome de Fidelis Dalcin Barbosa, é autor de dezenas de livros, dentre os quais alguns se tornaram célebres como: *Vacaria dos Pinhais*; *Uma Estrela no Céu* (34 edições); *Madre Paulina, a Coloninha* (14 edições) e outros... ao falecer (10/junho/1997) encarregou-me de “cuidar” dos seus livros. Fidélis, apaixonado pelas belezas da Serra Geral, não se contentou em ser mero espectador, mas, conhecendo-as profundamente, sentiu-se no compromisso de partilhar e divulgar, através de jornais, revistas e romances como este, que faz de Pedro Uliana, um Robinson Crusóé dos Aparados da Serra.

Por isso, em parceria com as Prefeituras de Morro Grande e São José dos Ausentes, temos a satisfação de apresentar ao caro leitor, uma edição aprimorada de *O Prisioneiro da Montanha*, com fotos ilustrativas e mapas para facilitar o acesso às belezas desta região.

A todos quantos lerem estas páginas, desejamos uma boa viagem pelo mundo fantástico da imaginação e, quem sabe, depois, com uma proveitosa visita por estes lugares de surpreendentes belezas que a mãe natureza esculpiu.

Dalcim, Ignacio

O Assalto

O dia 24 de outubro de 1902 era uma radiosa sexta-feira primaveril. Muito sol, aromas agrestes em profusão. Música de pássaros, presidida pelo canto estridente da araponga. No ar parado, o zumbido longínquo de milhares de abelhas, vespas e besouros.

Ninguém poderia supor que aquela sexta-feira tão esplendorosa, tão alegre, tão festiva, acabaria dando azar. Pois de repente, pelas três horas da tarde, o nosso gado no potreiro deitou a correr ruidosamente, soltando trágicos mugidos. Para nós aquele era o sinal certo da aproximação dos índios.

Dito e feito. Daí a pouco soou forte o grito de alarme: Os bugres!

Os bugres!¹

Eu e o pai largamos a enxada, partindo a correr para casa. O pai agarrou a velha espingarda, que trouxera da Itália, e disparou um tiro pelo ar. E, sempre correndo, rumamos ambos para a casa do tio Luís Amboni, nosso vizinho.

A tragédia era lá. A tia Madalena acabava de morrer flechada pelos índios. O tio Luís e sua filha mais velha, de 15 anos, a Luísa, gravemente feridos, mal conseguiram salvar-se da morte.

Os três estavam trabalhando na roça, plantando milho. Roça nova, aberta na selva, a uns cem metros da casa. Súbito, um ruído na orla do mato. A filha assustou-se:

- Pai, os bugres!

¹ Como o autor utiliza muitas palavras e expressões pouco usadas no cotidiano, tivemos a ideia de sinalizar algumas em itálico, a fim de as compartilhar com o leitor. Fidelis era amante da língua portuguesa desde os tempos em que foi professor desta disciplina por cinco anos na cidade do Porto. Em agosto de 1996, na cidade de Braga, presenciei uma cena emocionante: *fomos recebidos por um de seus ex-alunos que, na portaria do convento dos Capuchinhos, declamou uma poesia de seis estrofes que havia memorizado no tempo em que fora seu aluno* (1951).

- Não, Luísa. Os bugres nunca vieram aqui. Nós nunca os molestamos. Deve ser algum bicho. Não tenhas medo.

Continuaram trabalhando sossegadamente. De repente a tia solta um grito lancinante e cai ao solo varada por duas flechas. Enormes flechas de metro. Uma penetrou-lhe as costas na altura do pulmão. A outra cravou-se no braço direito.

O tio foi em seu socorro. No mesmo instante recebe ele também violenta flecha num braço. Lembrou-se então das três crianças que ficaram em casa brincando no pátio. Temendo que os índios fossem até elas, o tio, ainda com a flecha cravada no braço, parte com a filha em direção da moradia.

Naquilo, meia dúzia de índios armados, saindo do mato, precipitam-se sobre o tio e a prima. Com violentas pauladas na cabeça, deixam os dois estirados no solo, numa poça de sangue. A seguir, os indígenas, abandonando as vítimas, correm para a casa.

* * *

Quando eu e o pai chegamos, os índios já tinham invadido a casa do tio e fugido para o mato, levando roupas, panelas, talheres, tudo.

A esta altura, havia vários vizinhos ali, diante da moradia do tio. Alguns já tinham entrado e verificaram a devastação. Súbito, meu pai pergunta:

- Mas, e as crianças? Onde estão as três crianças? Santo Deus, será que os bugres levaram as coitadinhas? Não é possível. Vamos examinar outra vez no interior da casa.

Entramos. Olhamos em todas as peças, atrás das portas. Nada. Chamamos as meninas pelo nome. Chamamos repetidas vezes.

Por fim, no quarto do casal, a Helena, a mais velha, debaixo da cama, põe a cabecinha de fora. Sai, trazendo nas mãos, um quadro. Atrás dela, surgem as outras duas. As três lívidas, tremendo ainda do grande susto.

Abraçamos e beijamos as garotinhas, felicitando-as por estarem vivas.

- Parece um milagre - dissemos. E perguntamos:

- Como foi?

Helena, ainda a tremer, tomando a palavra, falou:

- Nós estávamos brincando no pátio. Quando vimos aqueles homens feios, nus, corremos para dentro de casa. Fechamos a porta e as janelas. Eu, procurando alguma coisa que pudesse nos valer, agarrei o quadro de Nossa Senhora de Pompéia, que estava dependurado na parede da varanda, e, com ele nas mãos, nos refugiamos debaixo da cama dos pais.

Logo chegaram os bugres. Com forte empurrão, abriram a porta e entraram. E principiaram a agarrar pratos, panelas, facas, roupas. En traram em todos os quartos. Vieram onde nós estávamos. Tiraram a roupa de cima da cama. E nós lá em baixo, tremendo de medo, as três com as mãos no quadro de Nossa Senhora, que nos parecia muito mais bonita. Os bugres vieram mais de uma vez perto de nós, mas não nos fizeram nada, porque Nossa Senhora não deixava...

- Graças a Deus! — Exclamamos nós, abraçando e beijando outra vez as três garotinhas.

Os índios, é claro, não viram as crianças porque se encontravam ocultas pelo estrado da cama. Mas, ninguém de nós teve dúvida de que a proteção de Nossa Senhora concorreu para defesa das três meninas.

Então, como explicar a misteriosa atitude das crianças diante daqueles indígenas que sabiam serem ferozes? Sabiam que eles entraram em outras casas, matando mulheres e crianças. Como foi possível permanecerem em silêncio, sem um grito, tendo uma delas apenas dois anos?

Os Botocudos

Nós morávamos em Nova Treviso, então pequena localidade de Urussanga, no Sudeste do Estado de Santa Catarina.

A região começou a ser colonizada por imigrantes italianos, a partir de 1877.

Quando os primeiros imigrantes chegaram, aqui era pura mata virgem, habitada apenas por indígenas da tribo dos Botocudos.

O nome provinha do costume de furar o beiço inferior das crianças de sexo masculino, introduzindo no orifício um batoque. Depois de cres- cidos era-lhes tirado o *batoque*, ficando no lábio o orifício, pelo qual produziam forte assobio, utilizado em suas caça- das e escaramuças de guerra.

Eram de cor bronzeada, estatura média, ombros largos, cabelos pretos, lisos e soltos, olhos negros e um tanto mongólicos.

Não usavam tanga nem outra indumentária.

Aos filhos menores amarravam os pulsos e tornozelos, interrompendo assim a circulação do sangue, entorpecendo os mem- bros, que perdiam a sensibilidade, tomando o selvagem imune aos espinhos e picaduras de serpentes.

Acreditavam em Deus e na imortalidade da alma. Em furnas sepultavam seus mortos, que volta e meia visitavam. Guardavam inviolável respeito às imagens e estampas de santos que encontra- vam nas casas dos brancos durante seus assaltos.

Dotados de extrema agilidade, quando perseguidos corriam como veados através do cerrado da mata e deslizavam como ser- pentes pele mais emaranhado cipoal.

Sua principal arma era o arco, meticulosamente trabalhado em madeira com fibra de tronco de coqueiro, a agudíssima ponta de



ágata ou de osso. Posteriormente, utilizavam pontas de ferro, alfinetes, que subtraíam aos colonos, por ocasião dos assaltos a suas casas.

Viviam de caça e frutas silvestres. Na época do pinhão, galgavam a serra para comê-lo, porque na zona litorânea não existe o pinheiro-araucária. Não raro, nestas ocasiões, demoravam-se pelas matas que orlam o campo, onde assaltavam os rebanhos dos estancieiros gaúchos e catarinenses. Por vezes entravam em luta com os Coroados, índios dos campos do planalto.

Eram incrivelmente ferozes, astutos e inteligentes. As crianças que os bugreiros por vezes traziam de suas caçadas ao Botocudo, demonstravam, ao crescer, extraordinária inteligência, embora, entre os civilizados, quase nunca chegassem a sobreviver além da adolescência.

Tão inteligentes e astutos eram, que aprendiam a língua dos imigrantes às escondidas, de dentro da selva, nas proximidades das moradias e lavouras dos colonos.

Estes, em geral, durante o trabalho na roça, mantinham um guarda de sentinela, em serviço da patrulha, a fim de prevenir qualquer aproximação do silvícola.

O índio, então, usando um espantoso ardil, para atrair o colono sob a mira de suas setas, perguntava em italiano, imitando a voz do branco:

- *Giovanni, dove seto?* João, onde estás?

Por vezes, armando outra terrível cilada, arremedava o canto do macuco ou de outra ave, caça preferida dos imigrantes. Estes, atraídos pelo canto da falsa ave, caíam na armadilha.

Detestavam qualquer contato com os civilizados. Nunca alguém, naquela região, conseguiu jamais manter aproximação amistosa com um Botocudo.

Durante séculos, donos absolutos da floresta, com razão, não podiam agora suportar pacificamente a sistemática expoliação de seus imensos domínios.

Para defesa de suas matas, o Botocudo usava toda a sua inteligência, toda a sua astúcia, toda a sua agilidade, toda a sua força, numa guerra sem quartel contra o invasor de suas terras.

Enquanto os indefesos imigrantes trabalhavam na roça ou na derrubada, os índios penetravam em suas habitações, assassinavam mulheres e crianças, roubavam roupas, ferramentas, panelas, pratos, talheres, tudo. Os únicos objetos que jamais ousaram tocar foram es- tampas, fotografias e garrafas.

Não sabiam utilizar-se das armas, que levavam apenas para com elas fabricar setas.

Houve época em que os assaltos às casas dos imigrantes intensificaram-se de tal maneira, que, durante dois anos, não houve praticamente um dia sem eles.

Em toda a região da colonização italiana do Sudeste catariense, cada família tinha a sua dramática história para contar acerca de assaltos e mortes provocados pelo índio Botocudo.

Bugreiros

Desesperadas diante de tanta perseguição, algumas famílias querem voltar para a Itália. Outras vendem suas terras e mudam-se para perto dos povoados, em busca de segurança e tranquilidade.

Certos colonos procuram captar a simpatia do gentio, dependendo pelo mato, na vizinhança das habitações, saquinhos de açúcar, espelhos e outros presentes.

Durante três anos, soldados enviados pelo governo não podem acalmar os assaltos e mortes.

Resolve-se então fundar novos núcleos coloniais, com o objetivo de, abatendo a mata, afastar o índio. Foi assim que surgiram Orleães, Grão Pará, Nova Veneza, Meleiro, Rio dos Pinheiros...

Tudo em vão!

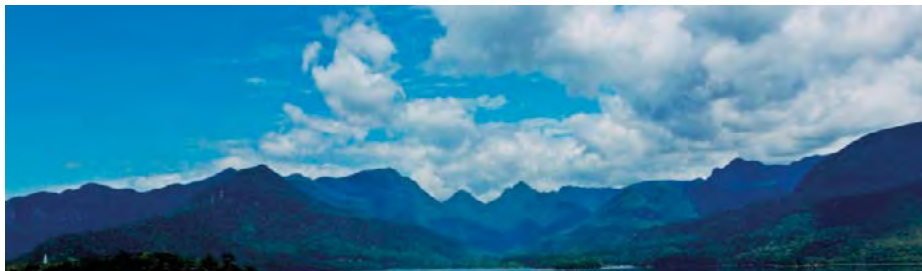
Novo apelo ao governo do Estado, que agora resolve enviar à região um missionário franciscano, Frei Luís de Semetille, com 18 anos de prática entre os selvagens do Paranaguá.

Durante um ano inteiro, o abnegado sacerdote vagou pela *brenha*, auxiliado por quatro bugres menores, por ele catequizados, procurando com mil artifícios e astúcias um contato amigável com os Botocudos. Tempo perdido.

A um apelo do governo, apresentaram-se 260 homens, dispostos a marchar através da selva, armados até os dentes, para dar combate ao gentio.

Entretanto, no misterioso labirinto da floresta, perseguir a caça que, além da sutileza da cobra e o instinto da fera, possui inteligência de gente, não é fácil tarefa.

Rotundo fracasso! O índio não foi localizado.



* * *

O único expediente viável seria a traição. Surpreender o índio dormindo na taba, como bicho na toca.

Um prático da floresta, enviado pelas autoridades, orientou os passos de alguns destemidos imigrantes, ensinando-lhes o segredo do indígena.

Surgiram então os *bugreiros*, os terríveis caçadores de índios, entre os quais se destacam Nicola Baldessar e Natale Coral.

Em torno deste último, existe curiosa lenda, ou, segundo velhos testemunhas, um caso real. A Natale Coral, que residia ao pé do Morro Redondo, os índios, em 1896, raptaram a esposa.

Após longos meses de cativo, Natale, auxiliado por uma escolta de bugreiros, conseguiu resgatar a mulher, que, pouco depois, se tornou mãe de um filho com sangue indígena, o qual recebeu no batismo o nome de Leonel.

As características fisionômicas do rapaz, sua robusta constituição orgânica, o vigor extraordinário de seus músculos de atleta, parecem confirmar a versão de sua verdadeira origem indígena.

* * *

Logo após a inesquecível cena de sangue de Nova Treviso, a população, indignada, revoltada, formou um arrojado esquadrão de bugreiros, a fim de perseguir o gentio e recuá-lo para o fundo da selva.

Homens e rapazes apresentaram-se voluntários. Eu², apesar de jovem ainda, senti-me animado a acompanhar o bando. O pai não queria deixar, mas eu tanto insisti, que ele acabou cedendo. Chegou até a me emprestar a sua velha espingarda.

Eu, nascido naquele sertão, trazia nas veias o sangue aventureiro.

Ah, como eu adorava acompanhar os caçadores de onças!

Éramos guerreiros improvisados. Alguns barbudos, chapéu imenso, botas de cano alto, empunhando fuzis e compridas lanças.

Fortemente armados, afundamos na floresta, numa aventura *rocambolesca*.

Durou dias a memorável caçada, percorrendo montes e vales, esquadrinhando grotões, ao sopé da serra dos Aparados.³

Enfim, guiados por um prático, localizamos a taba, ao cair da tarde. Cautelosamente, metemo-nos em esconderijo, onde pernoitamos.

De manhã, aos primeiros clarões do dia, caímos sobre os selvagens. Colhidos de surpresa, não tiveram tempo de esboçar movimento de defesa.

Se quiséssemos, poderíamos ter exterminado o bando inteiro. Entretanto, nós tivemos pena. Não quisemos praticar esta barbaridade, sem combate, à traição.

Avançamos sobre o depósito de suas armas, que estavam todas reunidas a um canto, deixando a todos completamente indefesos.

Gritando e apontando o fuzil, fizemos sinal que fugissem. Ator- doados, deitaram a correr. Homens, mulheres e jovens, deixando apenas duas crianças de colo, dormindo, as quais levamos para nossas casas.

² Pedro Uliana.

³ Aparados da Serra – assim é conhecida a muralha verde da Serra Geral de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, numa extensão de 200 km, região de 36 cânions, alguns célebres como Itaimbezinho, Fortaleza e Montenegro...

Fizemos de tudo para que se criassem. Depois de alguns anos, morreram de uma doença misteriosa.

Outras crianças indígenas, recolhidas pelos colonos nessa região, também não sobreviveram. Entretanto, no vale do Itajaí e na região de Joinvile, um que outro índio Botocudo, capturado pelos civilizados, chegou a sobreviver.

Ficou famoso o caso do índio Cogongo, que foi educado pelo Monsenhor Francisco Topp e encaminhado para o Seminário de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul.

Um dia, já adulto, viajando para a Europa em companhia do Monsenhor, o seminarista, no vapor, apaixonou-se pela filha de um rico estancieiro gaúcho. Abandonou a carreira eclesiástica para casar, tornando-se depois escrivão distrital naquele Estado.

* * *

Durou uma semana a nossa incursão pela floresta. Retornamos levando, além das duas crianças, grande quantidade de arcos, flechas e balaios.

Agora, durante vários meses, a colônia vive em paz. As crianças brincam tranquilamente no pátio da casa. As mulheres lavam a roupa cantarolando as belas canções italianas. Na roça, os ladrões de milho são apenas macacos e papagaios...

Decorridos seis meses, novos assaltos, novas mortes. Os bu-greiros, sempre alertas como cães guardando a casa, voltam a pegar em armas.

Pronto, o arco-íris da paz, do sossego, da tranquilidade, torna a brilhar, abençoando o suor que opera milagres na terra virgem, que vai se transformando em sementeira de ouro, fazendo surgir novos núcleos populacionais.

O Estudante

Eu retomara vibrando daquela incursão pela selva, cujos mistérios principiava a desvendar. Daí por diante, ela se tomou a minha paixão.

Passsei a acompanhar os caçadores de onça. A onça que quase diariamente levava reses, cavalos, porcos dos colonos.

Dormia noites inteiras ao relento, junto da fogueira ou trepado num jirau. Uma vez cheguei a perder-me no intricado *dédado* florestal.

Pois eu vivia empolgado com estas emocionantes aventuras, quando um dia, no melhor da festa, chega meu pai e diz:

Pedro, tu és o filho mais velho da família. Deves ir para a vila estudar. Quem sabe, um dia, teremos um doutor na família.

- Ah, pai! Logo agora que estou adorando essa vida de aventuras!

- Vai, filho. Nas férias, poderás vir para matar as saudades.

Os imigrantes italianos não eram lá de mandar seus filhos a estudar longe de casa. Eles queriam que os jovens trabalhassem. Diziam que o estudo não faz falta para o trabalho da roça.

Pois o pai, Antônio Uliana, era uma exceção. Ele sonhava ter um filho formado em curso universitário, um filho doutor. Fazia tempo que ele tocava no assunto, sem, entretanto, poder dispensar meu braço, em virtude do excessivo serviço.

Agora que a situação melhorara um pouco, o pai resolveu definitivamente mandar-me para a escola. Não adiantou o meu protesto. Sem mais explicações, partiu para Tubarão. Lá procurou uma escola e uma pensão para mim.

Matriculou-me no Colégio São José das Irmãs da Divina Providência. Estas religiosas haviam iniciado suas atividades aqui no Brasil em 1895.



Tubarão, banhada pelo rio do mesmo nome, era uma vila pequena ocupando apenas a margem direita do rio.

Com o recente advento da imigração italiana e alemã, principiava a desenvolver-se. Ligada ao porto marítimo de Laguna por ferrovia, orgulhava-se de exibir na época a segunda ponte da América do Sul, a conhecida “Cabeçuda”, de 1.500 metros de vão.



Abaixo a Ponte Anita Garibaldi, – no lugar da antiga ponte a “Cabeçuda” (Pres. Dilma)



Tubarão é nome de origem indígena, da tribo dos Tubarões ou Carijós, que outrora habitavam as florestas desta costa oceânica.

Inimigos dos Guaianazes e Botocudos, os Tubarões viviam em guerra constante. Na década de 1630, sofreram perseguição por parte dos bandeirantes paulistas que os escravizavam. Em navios ou a pé, em fila indiana, cerca de 120.000 índios Carijós foram transportados para São Paulo.⁴

* * *

Em fins de fevereiro, lá me fui para Tubarão. De manhã frequentava a escola e de tarde trabalhava no armazém de Manuel Coço, pagando com o serviço a minha pensão.

Apesar da forte saudade da família, da vida livre que levava, das inesquecíveis caçadas, comecei a gostar do estudo. Como já havia adquirido os primeiros conhecimentos na escola de Nova Treviso, não foi difícil entrosar-me com os livros, mestres e colegas.

Sem demora fui dominado por outra paixão. Apaixonei-me pela leitura. Amante como era de aventuras, procurei na biblioteca da escola livros desse gênero literário.

⁴ Da mesma forma os Bandeirantes buscavam índios nas Reduções Jesuíticas do Sul.

Li “O Conde de Monte Cristo”, de Dumas. Li toda a obra novelesca de Júlio Verne. As façanhas de Rocambole, de Ponson de Terrail. Mas o livro que mais me empolgou foi “Robinson Crusoe”, de Daniel Defoe.

Lendo esta fantástica história, eu vivia num mundo de fantasia, sonhando idênticas aventuras daquele personagem. Cheguei mesmo a desejar a sorte de Robinson, prisioneiro da ilha. Ah! Que beleza se eu pudesse um dia viver semelhante aventura!...

Cheguei a sonhar que me encontrava perdido numa ilha deserta, cercada de encanto e mistério, vestida de flores, repleta de frutas silvestres, povoada de aves e de bichos.

* * *

Em princípios de dezembro, aprovado em todas as disciplinas, retornei a Nova Treviso, podendo assim matar saudades, como dissera o pai.

Durante todas as férias, ajudava os pais e irmãos nas lides agrícolas e pastoris. Aos domingos, lá me ia para o mato, em companhia de vários caçadores.

Um dia tornei a participar de uma escolta de bugreiros, na perseguição dos índios, que, volta e meia, assaltavam alguma casa de colonos. Não era para matar, mas apenas para afugentá-los, a fim de que deixassem a colônia em paz.

Maria Helena

Nas férias do segundo ano letivo, repetiram-se as minhas correrias pelo mato. Retornando à escola, agora já com 17 anos, comecei a gostar de uma colega de aula. Uma morena de alhos azuis. Dois alucinantes olhos azuis que iluminavam meus sonhos.

Maria Helena Camargo era natural de Laguna, detalhe curioso para mim que admirava os lagunenses, heróicos aventureiros que desbravaram o Sul do Brasil.

Pode-se afirmar que os descobridores do Rio Grande do Sul foram os lagunenses. Por isso, até hoje se diz em Laguna: “Gaúcho que chega é lagunenses que volta”.

Outro fator determinante de minha simpatia por Laguna prendia-se à circunstância de ser a terra de Anita Garibaldi, a heroína dos Dois Mundos, que tanto admirava por sua valentia e espírito aventureiro.

Meu namoro com Maria Helena representava um capítulo à parte entre os estudantes de Tubarão. Acontece que ela provinha do meio citadino, da alta sociedade, filha como era do tabelião local. E eu, quem era eu? Um simples colono, um gringo, como diziam.

Por causa dessa inferioridade de nível social, sofri dissabores. Enfrentei tormentas *ululantes*. A todas resisti corajosamente, vitoriosamente.

Tudo eu esquecia, porque Maria Helena correspondia admiravelmente aos impulsos do meu coração. Nunca me decepcionou. Ela gostava realmente do humilde coloninho de Nova Treviso.

Apesar de sua idade, 15 anos, portava-se como se fosse pessoa de idade madura. Espírito equilibrado e reto, que, aliás, condizia perfeitamente com seu porte senhoril, denunciando descender de família da alta aristocracia.

Durante as últimas férias, embrenhei-me outra vez por *ínvios* matagais, em companhia de meu irmão. Retornando a Tubarão, eu passava horas narrando a Maria Helena minhas façanhas, que a faziam vibrar.

- Desta vez, Lena, resolvemos caçar um tigre, eu e meu irmão Alfredo.

- Tigre é onça, não é?

- Claro, é onça, o tigre brasileiro, o tigre americano. Mas lá na minha terra todo mundo diz tigre.

- Caçar onça você Pedro?! É forte! Quero só ver o final da história. Vá contando.

- Sabe por quê? Um dia o tigre bateu lá em casa e matou o nosso cavalo baio. Um cavalo novo, feroso, de marcha troteada. Ficamos todos com muita raiva e resolvemos vingar-nos, procurando dar cabo do tigre.

- Está bem. E daí?

- Domingo de tarde, eu e o Alfredo saímos para o mato bem armados e levando um pedaço de carne para isca.

- Isca? Que tipo de isca, Pedro?

- É que nós íamos armar uma espera de noite. Fizemos um jirau lá no alto das árvores. Mais de três metros do chão, para que a onça não nos alcançasse pulando.

- Mas onça não trepa em árvore, Pedro?

- Só trepa em árvores de tronco grosso e meio inclinado ou com muito galho baixo. Armamos o jirau e colocamos em baixo o pedaço de carne. Compreende? Quando o tigre viesse comer a carne, sem dar com a nossa presença, tomaria chumbo grosso.

- E aí o tigre veio?

- Olhe, Lena, passamos horas de suspense, numa expectativa enorme. Devia ser meia-noite, quando ouvimos um esturro terrível, que nos pôs em festa.

- Em festa, Pedro? Duvido.

- Claro, em festa. Ficamos vibrando na esperança de ver a bicha a tiro, em baixo do jirau.

- Está bem. E depois?

- Aí ficamos tempo de arma engatilhada, esperando, esperando. De repente, ouvimos um ruído a uns vinte metros do jirau. Aí vem o tigre - disse eu ao ouvido de Alfredo.

- E o tigre veio mesmo? – perguntou Maria Helena.

- Olhe, acho que o tigre percebeu nossa presença, sabe?

- Aguardamos com incrível ansiedade o resto da noite. E nada!

- Tá aí - exclamou ela, soltando uma gargalhada. - Agora vi que você, Pedro, é mesmo um grande caçador de onça!

- Desta vez foi assim, Lena. Mas um dia eu quero caçar um tigre. Você ainda vai receber de presente um belo tapete de pele de onça caçada por mim. Caçada por mim, ouviu?

Isso, querido! Um tapete para enfeitar a nossa casa...

* * *

Além de relatar a Maria Helena minhas aventuras pessoais, eu gostava de comentar com ela as aventuras lidas em livros. Um dia, depois de recordar passagens do livro de Daniel Defoe, declarei que adorava viver uma aventura semelhante à de Robinson Crusoe.

- Bonito! - exclamou ela. - E você seria capaz de viver sozinho numa ilha deserta?

- Seria.

- A vida inteira?

- A vida inteira não. Por que neste caso não poderia realizar meu sonho de amor com você. E você ficaria esperando por mim, Lena?

- Ah, Pedro, não fale bobagem! Eu só quero terminar os estudos e casar com você.

- Certo. Mas façamos de conta que eu um dia me metesse à correr mundo e caísse prisioneiro numa ilha deserta como Robinson. Você ficaria me esperando?

- Claro que ficaria.

- Quanto tempo?

- Iiih, muito!

- Quantos anos?

- Cinco.

- Só cinco?

- Não. Ficaria até seis, sete anos.

- E depois casaria com outro.

- Não, isso não, Pedro.

- De verdade?

- Juro, Pedro, que haveria de esperar sete anos e depois, se ainda houvesse alguma esperança do teu retomo, eu ficaria esperando ainda mais. A vida inteira.

- Jura? Jura de pés juntos?

- Juro, por Deus, Pedro. De pés juntos, olhe aqui.

- Neste caso, eu também quero te jurar que voltarei para ser teu esposo. Custe o que custar. Mesmo que tivesse de atravessar a nado o mar, até atingir Tubarão.

- Gostei, Pedro! Confio na tua palavra!

- E eu na tua, querida!

Na Prisão

Nosso amor parecia firme, inamovível como a rocha, contra a qual investe de balde a fúria dos ventos. Eu, que havia superado o tabu da desigualdade de nossa condição financeira e social, jurava que agora nenhum obstáculo se atravessaria no caminho, semeado de flores, que ambos trilhávamos triunfalmente.

Mas eu estava enganado. Já falei dos aborrecimentos que sofri por ser um coloninho pobre, enquanto Maria Helena, linda morena com dois alucinantes olhos azuis, gozava da maior estima, como a jovem mais prendada da sociedade tubaronense.

A tormenta agora rugia no outro oceano, o oceano da rivalidade e do ciúme. As peregrinas virtudes de minha namorada, sua beleza atordoante, sua projeção destacada no meio estudantil e social, e tantos outros atrativos, tornavam a filha de Inácio Camargo a jovem mais cobiçada de Tubarão.

Uma legião de rapazes invejavam a minha sorte, teimando em disputar comigo a honra daquele belo amor. Alguns eram meus colegas de escola.

Mas o mais forte e temível concorrente era Hélio Borges da Rocha, rapaz da alta sociedade, pertencente a uma poderosa e opulenta família.

Mais de uma vez tentara ele, com boas maneiras, roubar-me o amor de Maria Helena, alegando minha baixa condição de filho de um pobre colono, um gringo indigno de casar com uma jovem de tamanho gabarito social.

Maria Helena, educada como era, tratava-o sempre com amabilidade, sem o repelir ostensivamente, fazendo com que Hélio alimentasse a esperança de conquistar-lhe o amor.

Quando eu tocava no assunto, ela, sempre sorridente e sedutora, defendia-se afiançando-me:

- Não te preocupes, Pedro. Eu nunca trocarei teu amor sincero e puro pela paixão desvairada de Hélio. Não precisas te impressionar. Jurei que casarei com você. Será com você e com mais ninguém, mesmo que o destino te leve por sete anos a uma ilha deserta em pleno oceano, como Robinson.

Desiludido de me afastar de Maria Helena amigavelmente, Hélio tratou de vingar-se de maneira covarde, apelando para a calúnia e denunciando-me como criminoso. Descendia ele de família reconhecidamente “valente”. Dizia-se que várias pessoas teriam sido eliminadas por membros da família Borges da Rocha.

Foi durante um bailão, no dia sete de setembro, numa pequena localidade perto da vila, onde as festas atraíam os moradores de toda a vizinhança. Lá fui eu com a Maria Helena. Lá também se encontrava o meu temível rival.

Por volta das duas horas da madrugada, no melhor da festa, irrompeu feio tumulto no salão, acabando em grossa pancadaria e cerrado tiroteio, com um saldo de dois mortos e cinco feridos.

Hélio, como depois ficou esclarecido, não perdeu tempo. Como a briga, no final, era no escuro, porque apagaram o lampião, aproveitou para me denunciar como autor de um homicídio. Pagou, bem pagas, duas testemunhas falsas, e eu, acabei sendo preso.

De nada adiantou meu juramento de que era inocente. Fui recolhido ao presídio, inapelavelmente.

Mas eu era um rapaz conhecido e estimado por todos os moradores da pequena vila de Tubarão. Os próprios guardas policiais juravam que eu seria incapaz, de praticar o menor crime.

Por isso, de noite, o guarda do presídio facilitou a minha fuga, havendo eu prometido sair de Tubarão, indo para longe, a fim de não comprometer ninguém.

Depois da meia-noite, saí da cadeia. Fui à casa do meu pa-

trão. relatei a ocorrência, dizendo que iria para a casa de meus pais. Deixei um bilhete para ser entregue a Maria Helena, nestes termos:

*“Querida, fugi da cadeia. Sou inocente, como bem sabes.
Um dia voltarei. Reze por mim. Pedro”.*

Era setembro e chovia torrencialmente. Enfrentando a chuva, meti-me a caminho de Nova Treviso. Preocupado em não assustar meus pais e meus irmãos. Preocupado também com o lugar onde poderia encontrar refúgio seguro, longe de casa, onde a polícia bateria certamente em minha perseguição.

Já era dia quando passei por Morro da Fumaça, onde dobrei à esquerda, tomando o caminho de Cocalzinho, Urussanga e, por fim Nova Treviso.

* * *

O meu inesperado aparecimento, fato inédito, causou na família a mais profunda surpresa e espanto enorme. Todos correram para mim, curiosos.

- Que foi, meu filho?! - perguntou meu pai, de olhos arregalados.

- Nada - menti.

- Por nada você não estaria aqui em casa agora com essa cara de condenado.

- É verdade, pai. O senhor adivinhou. Eu sou realmente um condenado. Eu já vou contar.

E dirigindo-me à mãe, enquanto sentava à mesa:

- Dê-me de comer. Estou morto de fome.

- Conte logo o que aconteceu, Pedro - pediu a mãe, principiando a preparar a mesa.

- Um incidente. Um engano. Uma calúnia. Nada mais.

- Filho, não pode ser só isso. Conte tudo, vamos.

- Então vou contar. Não se assustem. Fui acusado injustamente de haver cometido um crime.

- Horror! Que crime, Pedro?!

- Me acusaram de homicídio e fui preso. Prenderam-me e eu fugi, porque sou inocente.

- Então, se és inocente, por que fugir?

Por causa da polícia, que a esta altura já deve estar no meu en- calço. Preciso sair daqui imediatamente.

- Para onde? Para onde irás, Pedro?

- Eu ainda não sei. Por enquanto vou me esconder no mato.

- Está aí - exclamou meu pai. - Eis no que vai dar a tua paixão pelo mato!...

- Escute, Pedro, - insistiu a mãe - mas por que te acusaram de criminoso?

- Por causa da Maria Helena. Ciúme. Inveja.

- Ciúme de quem?

- Só podia ser do Hélio, como vocês sabem. Louco de ciúme, de ódio, de vingança, só porque eu ganhei a parada. Ele que tanto queria casar com a Maria Helena.

- Será, meu filho? - Perguntou a mãe.

- Claro, mãe. Ele tem dinheiro. Paga testemunhas falsas. Move processo contra mim, e eu ainda sou capaz de acabar na cadeia para o resto da vida. Não estou para isso. Então, o remédio é fugir para o mato. Lá ninguém vai me pegar.

E depois de tomado um bom café com mistura de salame e polenta, levantei-me. Vesti uma grossa capa de feltro impermeável.

Pus à cinta minha faca de aço alemão, de palmo e meio, de lâmina afiada e brilhante. Acavalei nos ombros a mala-de-pano, contendo pão, queijo, salame, fósforos.

- Papai, mãe, manos, não chorem. Adeus. Um dia eu voltarei. Rezem por mim.

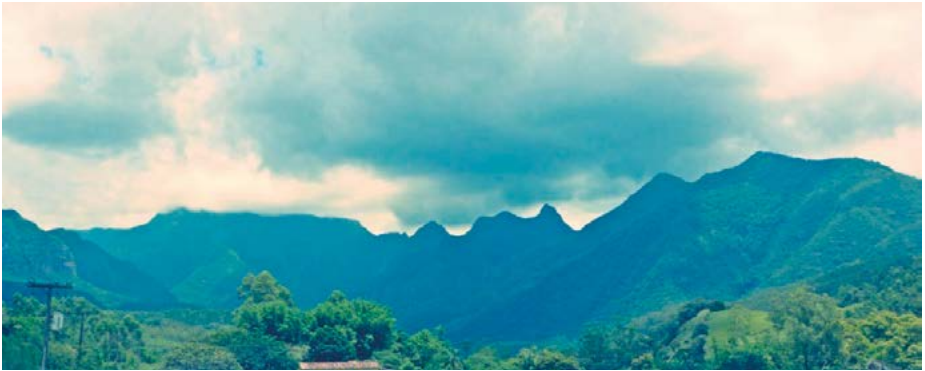
Abracei-me a todos, apertadamente. A mãe e as irmãs choravam copiosamente. O pai, decerto pensando no “erro” de haver-me mandado estudar, disse apenas:

- Vai com Deus, filho! Mas não te esqueças: O pai ainda confia em você...

Desci a escada da velha casa que fora meu berço. Pouco depois, acompanhado pelo olhar choroso dos meus, eu desaparecia atrás do mato, na curva barrenta da estrada, rumo do mistério...

Rumo ao Desconhecido

Calcando a lama do caminho, vergastado pelo vento e pela chuva, dirigi meus passos rumo do Sul, com o pensamento voltado para algum recanto da selva. Atravessando a densa floresta, eu olhava, em frente, para a Impressionante muralha dos Aparados, que, ao longe, para as bandas do poente, cortava o horizonte, de norte a sul.



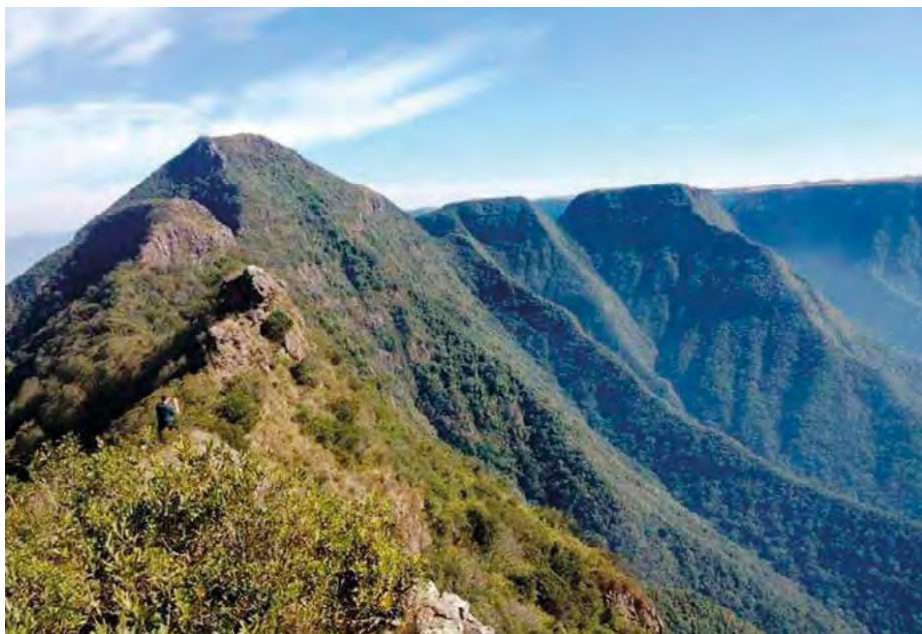
Eram os contrafortes da Serra Geral, linha divisória dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Além daquelas montanhas, na verde planura do pampa sem fim, nos campos de Bom Jesus, moravam os parentes de Maria Helena. Eram criadores de gado.

Tive então uma ideia surpreendente, que me deixou extremamente inquieto. Em lugar de esconder-me naqueles soturnos matagais e expor-me à ferocidade dos índios, melhor seria que eu galgasse a serra e fosse em busca dos parentes de minha namorada. Poderia pedir asilo e ficar morando por lá, longe da perseguição policial de Tubarão, até que minha inocência ficasse comprovada.

Ótimo! Pedi informações acerca do caminho que levasse serra acima. Indicaram-me a estrada da Serra do Pilão. Fui andando. Num pequeno armazém à beira da estrada, fiz algumas provisões. Comprei um maço de caixinhas de fósforos...

Cruzei por Beluno, hoje Siderópolis, em pitoresca várzea. Atravessei o povoado de Nova Veneza, às margens do Rio Mãe Lúzia. Depois, Forquilha, próspera colônia alemã. Sanga do Engenho, também conhecida por Sanga da Charqueada, em virtude do grande número de crimes que lá se cometiam.

Aqui pernoitei em casa de um simpático agricultor, de origem italiana. Em Meleiro, deixei a estrada de Criciúma e Araranguá. Dobrei à direita, seguindo rumo do Pilão.



Imigrantes italianos iam penetrando por aquele sertão bravo, de gigantesca mata virgem, com seus altos ipês floridos, figueiras e coqueiros, cobrindo a planície infinda, manchada aqui e acolá de negros montes.

Em Três Barras, o lavrador Caetano Vieira de Sá deu-me pousada, fornecendo, além disso, informações acerca do caminho a seguir pela serra e entrar nos campos do Rio Grande do Sul.

* * *

No outro dia, meti-me outra vez a caminho, arrastando minha longa e pesada odisseia. De vez em quando, topava com tropeiros gaúchos, tocando, com fortes *aboios* e gritos, cargueiros, tropas de mulas e alguma boiada, em longo jornadaio, para o mercado catarinense.

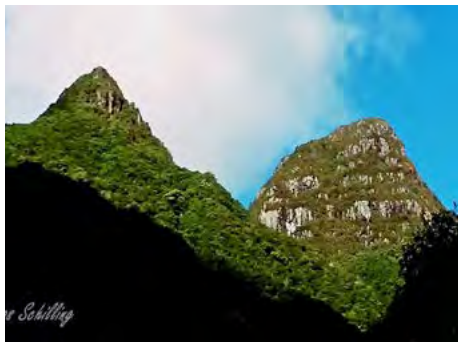
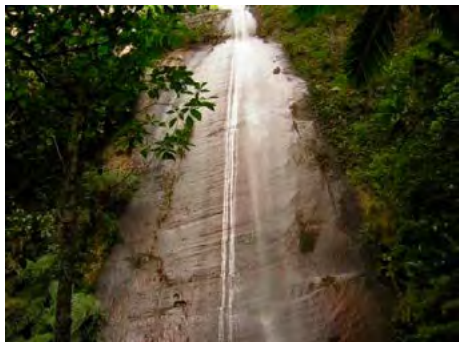


Rio seco – por onde tropeiros, como o Hilário Dal Toé, tocavam o gado serra abaixo

Encontrava-se agora ao pé dos colossais paredões dos Aparados. À direita, o Pingador, com seus dentes pontiagudos, serrando o nevoeiro. Em frente, o Morro da Igrejinha. À esquerda, o promontório do Pontão, avançando sobre o abismo, interrogando o infinito. Mais à esquerda, o pico do Realengo, o ponto culminante, com mil e quinhentos metros de altitude.

Eu ia fascinado por aquele estupendo espetáculo da natureza, da majestade daqueles penhascos, escalando verticalmente o céu, escondendo o cimo alcantilado na brancura das nuvens...

Calças bem arregaçadas, vadeei o rio Manuel Alves, largo, num extenso praial. O rio agora levava água, mas, sobrevivendo qualquer pequena estiagem, some-se por baixo de uma infinidade de seixos,



Queda do Risco ou Pingador, a esquerda de quem sobe ao Realengo e Picos da extrema direita formando imenso estradão. Troncos, *raigões*, carreados pelas cheias, jazem então estirados sobre a praia como *cadáveres de alimárias*.

Atravessei o rio meia dúzia de vezes. Por fim, iniciei a escalada da serra. Estreito atalho silencioso mergulha na mata, dando voltas. Estradinha apertada entre paredões, por vezes beirando abismos.

A princípio, terra vermelha. A seguir, terra preta e pedregulho. Um pedregulho sem fim, incômodo. O pé não encontra ali chão livre. É só nas pedras, riscadas pelas ferraduras das mulas dos tropeiros.

O trilho vai galgando penosamente a montanha, beirando abismos de um lado e paredões do outro. Assombrosa garganta, oferecendo cenário de faroeste, ambiente sombrio e lendário, onde, à noite, dizem, ouve-se o arrastar de correntes, vozes estranhas, assobios, gritos aterradores, pancadas de machado em tronco de árvores...



Por vezes, em pleno dia, aparece suspensa sobre o abismo a figura de um padre vestido de branco, projetando a sombra contra a face lisa do penhasco.



Cachoeira do Bisunga – Morro Grande - SC

Cansado e faminto, parei numa curva, à beira de um riacho que roncava. Comi um pedaço de pão e queijo. Descansei uns minutos, refletindo acerca dos acontecimentos dos últimos dias. Senti saudade de Maria Helena. Saudade dos pais, dos irmãos, da casa, da escola. Prossegui na dura marcha, subindo, sempre subindo. Nunca imaginara pudesse na vida topar com caminho tão áspero. Mais tarde fiquei sabendo que a estrada da Serra do Pilão vai escalando a montanha de 1.300 metros de altura em apenas seis quilômetros.

Parei várias vezes, no meio daquele desfiladeiro, para contemplar, aos lados em frente e à retaguarda a terrível truculência daqueles pavorosos costões, que tapavam quase inteiramente o céu.

Fui subindo vertiginosamente. De repente, numa curva mais aberta, reparei ao longe, na íngreme encosta, enorme estrada riscando a mata de cima a baixo. Era um deslizamento, provocado pelas últimas chuvaradas. Felizmente, era no outro lado do arroio, fosse deste lado, o meu caminho estaria literalmente destruído. Era apenas um dos muitos deslizamentos de terra que ocorrem em todas as enchentes na serra dos Aparados.

Andei mais de meia hora, sempre subindo. Por fim, abre-se uma clareira diante de mim. Os paredões acabavam logo adiante, nos campos do Rio Grande do Sul.

Ali, em pequeno plano de curva, sopé de dois montes, uma bifurcação. Dobrei à esquerda, pelo caminho menos batido, na esperança de dar logo com uma fazenda. Fui galgando a serra, em busca do campo. À minha direita, roncava uma cascata, precipitando-se num abismo que parecia sem fundo.

O atalho, escalando quase verticalmente o morro, à minha esquerda, mergulhava, aos caracóis, por estreita restinga de mato, cercada de itaimbés a pique. Por aquela exígua faixa de vegetação, agarrada na ladeira, galguei andaciosa e temerariamente a montanha.

Nuvens negras ameaçavam despejar sobre mim violento aguaceiro. Num esforço supremo, agarrando-me em pontas de rochas, em arbustos, pus pé enfim na grama do campo, numa bela planície, que se apresentava diante de mim como um céu aberto.

Um bem-estar tomou conta do meu corpo e do meu espírito. Parecia-me haver-me evadido do inferno, após longo martírio moral e físico. Um suspiro de alívio descarregou-me todo o peso do corpo e da alma. Desaparecera por completo a pesada atmosfera oprimente do vale sombrio e das gargantas assombrosas. Eu respirava finalmente o ar festivo das alturas. Acabava de sair do inferno, para entrar triunfalmente no céu...



Tormenta

O corpo alquebrado banhava-se agora deliciosamente na claridade do cimo da montanha. Um conforto restaurador para as pernas e para o espírito! Dir-se-ia que a triste odisseia, pelo caminho mais duro do mundo, havia chegado a seu termo.

Felizmente, lá estava eu, são e salvo, longe dos chacais da cidade, os meus cruéis perseguidores. Conseguira atravessar incólume o perigoso matagal e o terrível desfiladeiro sem ser molestado pelos bugres e pelas feras.

Não sabia ao certo onde me encontrava. Isto pouco me importava. Eu estava contente, de certo modo, por ter podido vencer a aspereza da serra, evadir-me do abismo e atingir o cume da montanha, onde os horizontes se dilatavam. Meu olhar deslumbrado contemplava pela primeira vez a paisagem bucólica do pampa gaúcho, impregnado de um lirismo embriagador. Eu pisava orgulhosamente, após rude jornada, o sonhado campo de que tanto me falavam os tropeiros rio-grandenses.

Em que pese toda a desgraça que tombara sobre mim, sentia-me confortado, quase feliz, quase abençoando aquele infortúnio, que me proporcionava oportunidade de conhecer a legendária terra farroupilha. Não fosse o amor de Maria Helena, não fosse a traição de Hélio, não fosse a prisão, eu jamais teria chegado a este recanto deslumbrador.

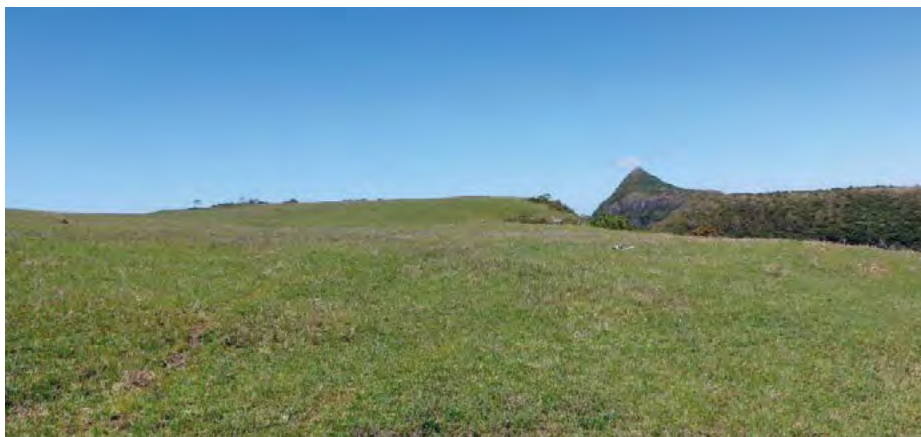
Nuvens negras e baixas cuspiam relâmpagos, *gargalhando soturnos trovões*, anunciando a iminência de pavoroso temporal. Não haveria ali algum abrigo, uma casa, uma fazenda?

Caminhei pela relva alta da campina, até atingir um capão, em leve depressão do terreno. Atravessei-o em rápidas passadas.



Agora, o campo abria-se em minha frente, ondulando em coxilhas, recortando ao longe por alcantilado pico, que parecia montar guarda à rechã da montanha. Vacas e cavalos pastavam, indiferentes aos rugidos da procela que se aproximava aterradora.

Andei mais de uma centena de metros e, do alto da primeira coxilha, avistei, na fralda de um bosque, humilde casebre de madeira. Corri para ele, sofregamente. Vi que era apenas um rancho abandonado. Um simples telheiro, onde os invernadores de gado se abrigavam, quando a chuva os surpreendia na montanha, durante as lides campeiras.



Campos do Realengo nos dias atuais

Grossas gotas começaram a cair, em meio a desabrida ventania. Tratei de abrigar-me no interior daquela casinha providencial, que, naquela aflitiva situação, me parecia algo tombado do céu.

Dentro, o chão batido e seco. Esterco de gado. No centro, restos de uma fogueira apagada. Cinza, carvão, pedaços de lenha semiqueimada e uma latinha com alça de arame. Nela, os gaúchos, todos viciados no chimarrão, certamente ferviam a água para o seu delicioso amargo.

Telheiro sem paredes, o vento tinha nele entrada franca. Agarrei duas tábuas, que estavam pendentes do lado oposto de onde soprava a ventania. Com elas levantei uma frágil parede, impedindo assim a entrada da chuva e do vento.

Amontoei lenha, que encontrava-se à beira do capão. Com a faca, uns cavaquinhos de madeira seca e enxuta. Risquei um fósforo e acendi o fogo, com alguma dificuldade.

A chama, lambendo o ar e fazendo crepitar a lenha, principiou a aquecer o ambiente, trazendo calor ao meu corpo frio, coberto de roupa molhada! Uma sensação de bem-estar varreu-me a alma. Estendi a capa para que secasse ao calor das chamas. Sentei-me sobre um pedaço de lenha e comi bocados do meu farnel.

A tarde ia avançada, e a chuva cada vez mais torrencial. Depois enxugou, ajeitei com ela uma cama, ao abrigo da chuva e do trás das tábuas que faziam de parede.

Juntei lenha. Enrolei-me na capa já sequinha e quente, dei-me e dormi em seguida, prostrado como vinha da longa caminhada. Adormeci acariciado pelo calor do fogo e embalado pela música da chuva e do vento.

Acordei diversas vezes, com rancos medonhos do trovão, que estremeciam o solo. As nuvens não pararam um instante de despejar cataratas de água. Um autêntico dilúvio!

Já ia clareando o dia, quando, de súbito, escuto estrondo horrível, como explosão de poderosa bomba, fazendo tremer a ter-

ra. Pensei até em terremoto. O que seria aquilo? Fiquei pensando, pensando. Lembrei-me então do deslizamento que eu vira subindo pela estrada do Pilão. Quem sabe, poderia ser outro alude, outro deslizamento.

Toda aquela avassaladora enxurrada de água, todo aquele dilúvio, teria certamente penetrado profundamente no terreno e provocado avalanchas na ladeira por onde eu subira ao monte. Se isto realmente aconteceu, o caminho terá desaparecido. O caminho por onde eu subira estaria destruído. O caminho por onde eu haveria de descer daquela montanha, rumo da estrada do Pilão, teria também desaparecido...

Não faz mal - pensei. - Decerto haverá outra saída, outro caminho.

Ai, Pedro! Outro caminho? Outra saída? Agora você vai ver.

Prisioneiro

Sim, agora vou ver, disse comigo, ao levantar-me da minha tosca e improvisada cama. A chuva continuava torrencialmente. Comi outro pedaço de pão com salame. Daí a pouco a chuva parou. Então saí a caminhar pelo campo. A neblina corria varrendo a superfície do solo e limitando o alcance da minha visão.



Dirigi-me imediatamente ao local por onde havia entrado no campo ao galgar a ladeira. Atravessei o pequeno bosque, que gotejava. Andei pela grama encharcada de água. Desci pelo atalho. Andei uns trinta metros pelo declive.

Foi ali que deparei com a catástrofe. Bem como eu imaginara. Imensa avalanche havia arrastado para o abismo toda a mata da ladeira, deixando o rochedo liso, quase a prumo...

Lá se fora, levada pela fúria das águas, a passagem de acesso ao monte, onde me encontrava. Em seu lugar, apenas o precipício, o abismo profundo, não existindo mais possibilidade de subida e descida.

Sem dar muita importância ao deslizamento, porque estava convencido de que haveria certamente outra saída, fui andando



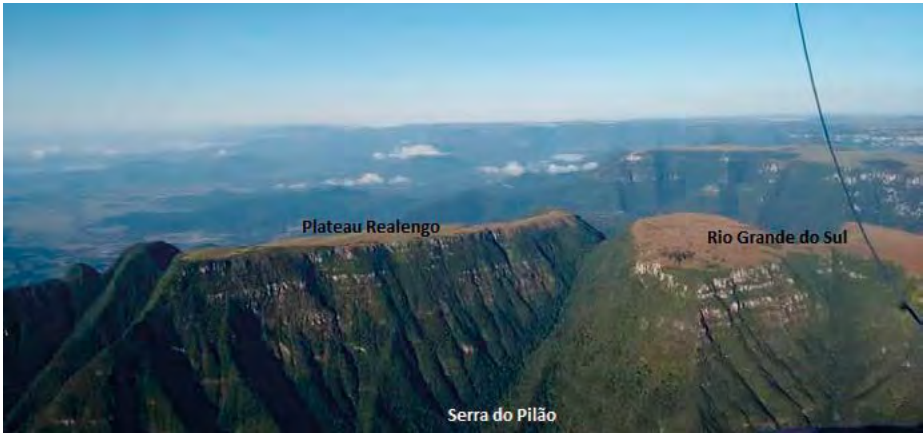
pelo campo, a fim de dar início à exploração daquele altiplano e descobrir alguma fazenda ou outro caminho que levasse à casa do proprietário do campo.

A neblina principiava a diluir-se, pondo-me à mostra, para as bandas do nascente, um abismo infinito, que se escancarava a poucas dezenas de metros do local onde eu me encontrava.

De pés no chão, de calças arregaçadas, fui caminhando no meio de farta pastagem nativa. Perto de um arroio, o gado pastava. Eram dezoito reses, o número de meus anos. Vacas, bois e um enorme touro vermelho, de imensas aspas afiadas. Gado manso, gado crioulo, de “chifre duro”, como diziam os gaúchos. Gado franqueiro. Dois cavalos, mais adiante.

Codornas e perdizes saltavam do chão, a dois metros de meus pés. Levantavam para sentar logo adiante, em meio da grama.

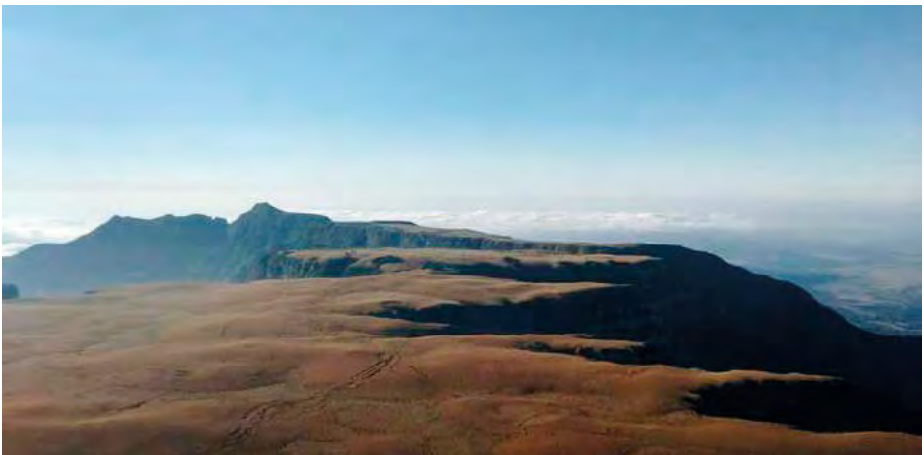




Bom - pensei comigo - se tiver que passar aqui alguns dias, não hei de morrer de fome, com tanta caça...

O nevoeiro ia se dissipando, deixando aparecer agora, em direção do poente, os campos verdes e ondulados, que se perdiam de vista, para além das gargantas, que ainda fumegavam de neblina. Um espetáculo estonteante para mim, que via pela primeira vez a amplidão do pampa sem fim.

Caminhei durante uns vinte minutos, atingindo enfim o término daquela invernada, nas proximidades do pico altaneiro. Coxilhas, arroios, banhados. Capões de bracinga.



Realengo ao fundo, visto desde solo gaúcho

Dando voltas, caminhei para os lados, beirando abismos, sempre beirando abismos. Ao chegar ao ponto de partida, junto à estrada de acesso, ora destruída da pelo alude, notei, com incrível assombro, que todo aquele altiplano se encontrava isolado, inteiramente isolado, entre paredões intransponíveis. Paredões a pique em todos os lados. O único acesso era aquela estreita ladeira coberta de vegetação, por onde eu subira e que desmoronara...

Como mais tarde fiquei sabendo, eu encontrava-me no Realengo, planalto de cerca 1.500 metros de altitude. Isolado do pampa, onde começa o Rio Grande do Sul, e erguido acima da planície catarinense, quase inacessível, lá estava como terra de ninguém, servindo de internada a um estancieiro gaúcho. Durante anos, o proprietário dava-se ao luxo de não pagar imposto territorial, porque a montanha constituía terreno litigioso. Por fim mediante acordo, o Realengo passou a pertencer definitivamente ao Estado de Santa Catarina.



Agora, ao retornar ao meu acampamento, eu vinha deslumbrado pela beleza incomparável do panorama, que, aos poucos, com o crescente desfazer da neblina, ia se exibindo em todo o seu esplendor e amplitude.



O sol, que há dias não brilhava, apareceu agora e inundava de ouro a campanha rio-grandense, que principiava ali, a poucas dezenas de metros da montanha, que o abismo separava. Formando gigantesco chapéu dos paredões, o tapete de relva da campina disparava por quilômetros e quilômetros, ora em suaves planícies, ora ondulando graciosamente em coxilhas e coxilhões.

Para quem como eu nunca vira campo nativo, aquele era um espetáculo de suprema beleza, de poesia sublime. Aquele imenso prado sem fim, sem um vulto arbóreo, sem uma pedra, sem um empecilho. Só lá longe, negrejava um capão exuberante, como ilha perdida na verde amplidão.

E, para realçar ainda mais a beleza daquele quadro inédito, por cima do negror do bosque, a silhueta esbelta do pinheiro altivo, o estípite liso, sopesando lá em cima o flabelo aberto e redondo da airosa copa.

De longe em longe, sobre a lomba penteada da coxilha, regiam-se se recortava um pinheiro sozinho, sozinho no seu grande isolamento, com o lirismo olímpico do seu porte majestoso, transmitindo à desolação da paisagem feição estonteante, arrebatadora.



Virei-me depois para o nascente, de relance, para contemplar o panorama que se abria aos meus pés. O vento frio varrera os últimos farrapos de nuvens, para oferecer-me aquela visão quimérica.

Aos pés dos paredões, lá em baixo, a planície catarinense, salpicada de cerros, colorida de lavouras, riscada de rios e estradas, pontilhada de vilas e cidades.

Lá ao longe, a cerca de uma centena de quilômetros, uma interminável linha branca, horizontal, rolando uma faixa escura, azulada, que se confundia com o mar.

Fiquei imaginando o que seria aquilo. Por fim, concluí tratar-se da areia da praia, correndo ao longo do mar. Impressionante!

Toda essa sucessão de encantos surgiu como de repente, assim que a neblina se diluiu. Parecia que houvessem descortinado um pano, por trás do qual aparecia o cenário mais deslumbrante do mundo. Fiquei atordoado. Tão atordoado eu andava diante de tanta beleza e majestade, que nem pude refletir sobre a desgraça de encontrar-me preso no alto daquela montanha.

Falando a verdade eu fugira de uma prisão, para cair noutra muito maior, intransponível. Bonito! Pedro Uliana, feito prisioneiro por própria culpa. Prisioneiro da montanha!

Lembrei também do que eu havia dito a Maria Helena, que eu gostaria de viver uma aventura como Robinson Crusóé, perdido na ilha deserta. Não era isso que eu queria, não era, Pedro?...

Senti fome e pensei em comer. Armei-me de uma vara de cará e uma pedra, na intenção de caçar uma perdiz. Fixei atentamente o olhar parto do local de onde levantara voo uma codorna e avistei outra agachada. Aproximei-me cautelosamente e vibrei-lhe certo golpe de vara, matando-a. Depenei-a. Destripei-a, lavando-a depois na água do arroio. Chegando ao casebre, fiz fogo. Espetei a ave. Finquei o espeto perto da fogueira. Sentei-me, esperando que assasse.

*As Maravilhas dos Aparados*⁵

Depois de comer a gostosa carne da perdiz, saí de novo, a fim de completar o levantamento daquele lugar e descobrir outros encantos. Eu estava deslumbrado. Não ligava importância a tudo quanto me acontecera. Considerava-me até um rapaz de sorte, que acabava de ser premiado com um presente de alto valor.

Eu agora, com o desmoronamento do acesso ao monte, acabava de ficar, da noite para o dia, senhor daquele campo e daquele rebanho. Rapaz pobre, sem dinheiro algum, via-me de repente proprietário de uma bela porção de campo povoado de gadaria, um recanto de fábula, um autêntico paraíso na terra.

Tratei de conhecer a fundo o tesouro que acabava de receber como por artes de sortilégio. Primeiro sentei-me numa pedra e tornei a contemplar imenso panorama serra abaixo. Olhava atentamente para a maravilhosa faixa branca, formada pela areia da praia, que deveria medir cerca de duzentos quilômetros de extensão, abrangendo o litoral catarinense e gaúcho.

Na amplidão da planície, distingui diversos pontos brancos, que denunciavam a presença de povoados, vilas e cidades. Timbé, Turvo, Araranguá, Torres, Morro dos Conventos, Criciúma.

Cá mais perto, pelos costões, colunas alvacentas, espirrando neblina. Eram as cascatas que haviam engrossado com as últimas chuvaradas. Cascatas de centenas de metros de queda.

Para quem ainda não conhece – uma ampla visão do Cânion Itaimbezinho

⁵ O autor, Fidélis Dalcin, foi um dos primeiros divulgadores das belezas dos Aparados. Enquanto professor do antigo Colégio Duque de Caxias dos Capuchinhos, em Lagoa Vermelha, costumava organizar excursões, juntando alunas do Colégio Rainha da Paz, das Irmãs de São José, para visitarem a Serra e o litoral sul. Um dia me disse que descera sete vezes o cânion do Itaimbezinho, quando ainda não existiam maiores controles no local. Daí surgiu a ideia de escrever *Prisioneiros do Abismo*, última edição de 1995.

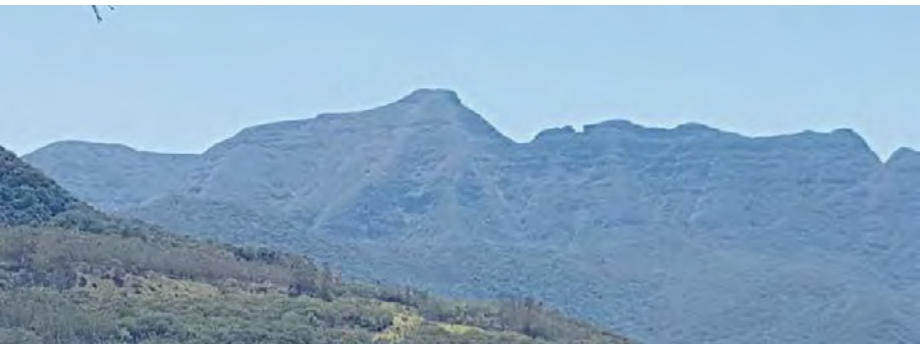


Nas ladeiras, quase em pé, cobertas de negra mataria, enormes clareiras de cima a baixo. Eram os deslizamentos, como aquele que acabava de me isolar no Realengo. Dezenas. Dezenas de aludes.

Paredões lisos, brancos, como paredes de imenso edifício, desaparecem nas gargantas do abismo. Uns formam arestas agudas, em sentido vertical, vestidas cá em cima por estreita tira de campo, inacessível ao gado, em virtude de sua exígua passagem perigosa.

Mais adiante, em plano inferior, colossais contrafortes, escorando a gigantesca muralha dos Aparados. Lombas paralelas, às dezenas, às centenas, aos milhares, de afiados espinhaços.

Paisagem agreste, bárbara, exibindo *corcovas* arredondadas, cobertas de vegetação arbústica, tendo aos pés a exuberante floresta virgem. Aqui e acolá, no meio daquela confusão de figuras exóticas, emerge um rochedo reproduzindo perfeito camelo descomunal, gigantescos elefantes, monstros antediluvianos...



Logo em frente ao Realengo, separada do abismo, estende-se a Chapada Bonita, nos campos de Bom Jesus.



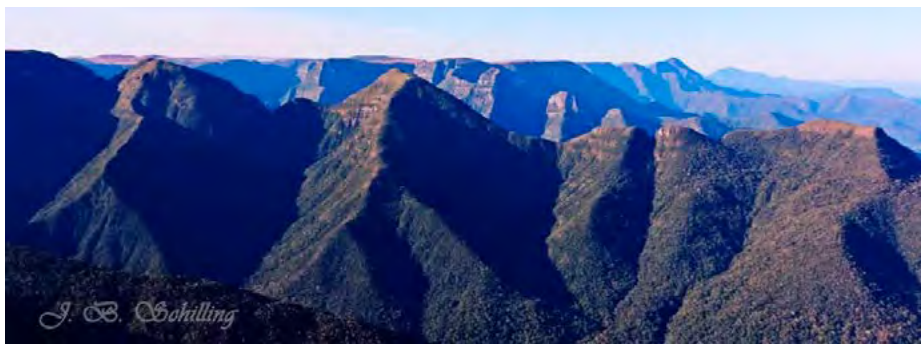
Uma planície imensa, onde nascem as águas que formam as cabeceiras do rio Uruguai e outras o rio Araranguá. Curioso: Águas nascidas na mesma fonte, descambam no mar em pontos incrivelmente distanciados: umas no estuário da Prata, entre Buenos Aires e Montevideú; outras, nas praias de Santa Catarina.

* * *

Olhando depois para o pico de Realengo, lá bem pertinho de mim, embora inacessível, parei a admirar aquele colosso, que semelha enorme cetáceo de cabeça erguida, voltada para o Norte.

É o mais alto e saliente alcantil de toda aquela serra, podendo ser visto de muito longe, de todos os lados, desde a praia. Cá acima, pelo campo, recorta-se de longe, negro e majestoso, airoosamente, sobre a amplidão da campina.

Inacessível, guindado caprichosamente sobre o abismo, protegido por dentes agudos, já gastos de tanto morder as fúrias dos elementos, vem ligado, em plano inferior, ao rochedo onde eu me encontrava, mediante afiado espinhaço de terra e de pedras soltas, que vão rolando constantemente ladeira abaixo, por ambos os lados.



Dir-se-ia a torre-de-menagem da fortaleza dos Aparados. Castelo fabuloso, petrificado, pré-histórico, de fantásticas lendas e lutas homéricas. Castelo a guarnecer a fronteira dos dois Estados Sulinos do Brasil, e em cuja torre de vigia, o gênio dos pampas, alerta, perscrutador, sempre de sentinela, monta guarda perene à terra farroupilha.

Carranca feroz. Lomba levemente vestida de raquítica vegetação. Dá má impressão da presença ali da esfinge de Giza, que guardasse, indecifrável, o enigma da solitária e silenciosa montanha.

Em frente, além dos abismos, por onde coleia em caracóis a estrada do Pilão, soberbos penedais, espetando as nuvens com afiadas agulhas, sugerem campanários de velhas catedrais, tendo, ao longe, de tubos gigantescos, o órgão de Pingador, tocando a sinfonia inacabada da solidão, para o silêncio verde das compridas naveas vegetais, apenas habitadas por aves e feras.

O Enigma do Futuro

Despertei daquela espécie de êxtase. Caí de joelhos e exclamei como Lineu: Hoje vi passar Deus diante de mim e fiquei deslumbrado!...

A seguir, dei prosseguimento ao meu passeio. Agarrei uma vara de cará e, em caminho, cacei outra perdiz.

Cheguei à casinha. Acendi o fogo. Depenei e limpei a ave, que espetei perto da fogueira, para assar. Cortei uma rodela de salame, coloquei numa forquilha, aproximei da chama. Logo começou a pingar a graxa. Tive então uma ideia. Fiz cair as gotas da graxa derretida sobre a caça temperando-a com sal. A anterior, sem nenhum tempero, sem sal, tinha pouco gosto, apesar de que a fome foi sempre o melhor dos temperos. Pois agora, durante alguns dias, até que tinha salame, servi-me daquele condimento providencial.

Na latinha, dentro da qual a água fervia, coloquei folhas aromáticas de araçá-do-campo, erva-do-touro e guavirovinha, e preparei um chá delicioso, que substituía o café. Daí por diante, como prevenção e combate a gripes e resfriados, eu tomava chá de poejo e maracujá. Servia-me ainda de chás digestivos de carqueja e cancerosa.

Enquanto aguardava a frugal refeição, sentado sobre a capa dobrada tornei a refletir na tragédia que vinha sofrendo ao longo daqueles dias. Recordei a traição do companheiro, que num momento transformou inteiramente a minha vida. Lembrei-me do pai, que me mandou estudar, na esperança de um dia ver-me doutor. Antes tivesse eu ficado em casa, a trabalhar com meus irmãos...

Mas, quase sem notar, já esqueci a desgraça e voltei a pensar nas maravilhas daquele recanto. Para mim, com aquela louca paixão de viver com a natureza, a desgraça pouco ou nada significava. Eu estava na minha.

Disse logo comigo: Amanhã, certamente, outras surpresas me aguardam. Aquele mato ali, que vai beirando o abismo, deve abrigar muito bicho, muita ave, para saciar minha sede de caçador. Hoje já andei avistando seriemas, veados, tatus. Amanhã, ah, amanhã, nem é bom pensar.

Comi a perdiz. Fiz umas orações, costume que aprendera em casa de meus pais. Enrolei-me na capa e deitei, sempre com o pensamento no dia seguinte, no futuro.

* * *

Dormi toda a noite, sem acordar uma só vez. Só acordei quando o sol vinha nascendo e, lá fora, a passarada entoava o hino matinal e me punha em festa. Uma orquestra surgia de todos os cantos, dos costões, para os lados dos campos gaúchos. Arrulhos de pombas, araquãs, jacutingas, urus, inambus, araponga...



Sai do meu rancho. Fui me lavar na água da sanga, ali perto. Vi então o espetáculo do nascer do sol no mar, longe, longe. Inacreditável! Deslumbrador!

Um bando de bicudas curucacas, catando insetos na grama, cacarejavam, fazendo coro a um casal de seriemas, que soltavam seu canto de infinita nostalgia, parecendo atenuar um pouco o esplendor da festa matinal. Quero-queros alçavam seu agudo grito de alerta. Veados pastavam perto do gado...

Eu já havia explorado quase todo aquele altiplano, que é de cerca um milhão de metros quadrados e forma um retângulo imperfeito, com mais de um quilômetro de comprimento.

Convencido da impossibilidade de descer daquela montanha, perguntava a mim mesmo quanto tempo teria eu de viver ali na solidão, dependendo apenas de mim. Quanto tempo? Um enigma atordoante.

Mas eu amava a natureza, a aventura. Minha aventura poderia prolongar-se. Era o que eu ambicionava. Era aquela uma aventura sensacional, que não deveria acabar tão depressa. Em que pese a separação da família, da Maria Helena, eu não tinha receio de viver sozinho. Eu iria me acostumando a viver sozinho naquele recanto de fábula. Sozinho, sem um rosto amigo, sem semelhante. Sem ouvir uma palavra, durante semanas, meses, e, quem sabe, anos.

O que se impunha era tomar a solidão amiga, afeiçoar-me à bicharada, ter sempre ocupação, novidades, surpresas. Novidades e surpresas como tivera até aí.

Eu até que estava com sorte. Encontrara uma casinha para morar e alimento para não morrer de fome. E não estava lá, junto de mim, aquela bonita ponta de dezoito reses gordas, agora prisioneiras da montanha como eu? Sem dono. O dono agora era eu. Dono do rebanho e daquele campo. Aqui, agora quem manda sou, como não?

* * *

Pois eu devia topa a parada, porque o desafio fora feito e aceito por mim, sem restrições. Meu desejo de imitar Robinson Crusóé fora tão intenso, tão forte, que acabava de se realizar ao pé da letra. Eu devia, pois conformar-me a aceitar o desafio.

E não é que tive sorte logo naquela manhã. Quando fui lavar o casaco, que estava sujo de lama da longa caminhada, dei com surpresa com um grão de milho, metido no forro do paletó. Certamente caíra lá por acaso, durante a lida no armazém, carregando e descarregando sacos do cereal.

Emocionadíssimo, beijei com respeito aquele precioso grão da cor de ouro. Em minhas mãos, ergui-o para o céu como oferenda sobre o altar. Que Deus abençoasse aquele grão e o fizesse produzir cem por cento, lá no alto da montanha.

Com o coração aos pulos, cantarolando, escolhi imediatamente o lugar mais apropriado, para depositá-lo na terra, ali, a pequena distância da casinha. Com auxílio da faca, arranquei a grama. Cavei a terra, deixando-a fofa. Adubei com esterco de vaca. E, cuidadosamente, religiosamente, oferece um sacrifício ao Senhor, depusitei no solo aquele achado providencial, um verdadeiro tesouro para o tempo imprevisível do meu isolamento.

Com varas de cará e bracatinga, construí um cercado ao redor, fechando aquela minúscula roça, a menor roça do mundo. Um só grão de milho plantado. Um grão de milho só!

Pensando agora mais objetivamente no meu futuro, tratei, logo a seguir de levantar três paredes de taipa de pedra, em torno da minha casinha. Desta maneira, o rancho encontrava-se protegido contra qualquer invasão do gado e de animais ferozes, que porventura houvesse na mata da encosta.

Lembrei-me de organizar um calendário, que pudesse me orientar, distinguir ao menos os dias da semana. Com a faca assinali então numa tábua da casa a data de minha chegada ao Realengo 13-9-1914. Daí por diante, todos os dias, com um talho, fazia um sinal na tábua. O dia de domingo era assinalado com um talho maior.

Tigre

Naquela noite, pensando no grão de milho, deitei-me contente, eufórico. Durante o sono, tive um sonho, um lindo sonho. Sonhei com imensa lavoura de milho, fruto daquele grão abençoado, encontrado no forro do paletó.

Mas o sonho foi interrompido por forte e sinistro berro, acompanhado de ruidoso tropel de patas. Que seria aquilo? Que teria acontecido com o meu rebanho? Aquele alvoroço não era normal. Algo de estranho devia ter acontecido.

Pensei até em tigre, como acontecia em Nova Treviso, quando a onça assaltava matava uma rês ou um cavalo no potreiro, pondo o resto da manada em pânico e fuga desabalada. Mas então haver um tigre nesta montanha? Quem sabe, naquela restinga de mato...

Levantei cedo, ao clarear do dia. Fui logo contar o rebanho. Apenas 17 reses. Sim senhor, faltava uma vaca pampa. Andei pelo campo e descobri logo o rastro. Parecia rastro de tora de pinheiro, com manchas de sangue. Fui seguindo-o, entrando no mato, sempre de orelha em pé. Desci trecho da pirambeira, de onde avistei a boca de uma furna. Ali ao lado, jazia a vaca, semidevorada...

Fiquei assustado e preocupadíssimo com o risco que o caso oferecia. Eu precisava liquidar a fera. Mas liquidar de que jeito? Tivesse eu uma arma, uma espingarda, um arco...

Eu conhecia as manhas da onça. Sabia como proceder para mata-la. Poderia cavar um fojo. Mas sem ferramentas... Poderia armar um jirau, como fizera uma vez com meu irmão Alfredo. Mas, sem espingarda, como matar a bicha? Com uma pedra? Nem falar. Onça não é gato que se mate a pedradas.

Refletindo acerca da existência de tigre no Realengo, pensei: Decerto aconteceu com ela o que ocorreu comigo. Com o deslizamento, ficou isolada na montanha, prisioneira como eu. E agora, movida

pela fome, bateu na manada. Voltaria certamente a matar outras reses. Poderia mesmo acabar com o rebanho e, quem sabe, até comigo.

Enquanto pensava na solução do caso, lembrei-me de que a fera, por alguns dias, tendo bastante comida, não voltaria a assaltar o gado. Fiquei descansado.

* * *

Passados uns dias, quando eu almoçava tranquilamente, saboreando a carne de um tatu-mulita, que eu havia caçado a unha, ouço um trágico mugido. Parecia mugido do touro. Levantei-me de pronto e sai para o campo.

O que é que eu vi então no alto da coxilha? O gado reunido em rodeio, no campo. O touro, entre o rebanho e o capão, andando de cá para lá, berrando, escarvando o solo, e, volta e meia, levantando a cabeça para o lado do capão, com ar de feroz majestade.

Adivinhei tudo num relance. Lá estava, metido no capão, o tigre, a negacear a manada. Mas o touro, como é sabido, defende o rebanho contra os ataques da onça. Dizia-se mesmo que o touro nunca perde parada contra qualquer onça por mais forte que seja.

Eu vibrava, na expectativa da titânica luta entre os dois gigantes. Empolgante o porte nervoso do touro, patrulhando o rebanho, ora correndo de cabeça erguida, ora assoprando furiosamente, mugindo raivosamente, ora metendo as aspas no solo, arrancando capim e terra.

Súbito, estremece a ramagem do capão. E, num salto elétrico, dele mergulha o jaguar, despejando-se impetuosamente como um bólido em direção ao rei da tropa. Este, rápido como o raio, reboleia com destreza impressionante o volumoso corpo, numa bela ladeada. Abaixa a cabeça e vibra violenta marrada penetrando as longas e afiadas aspas no flanco da onça, como se fosse uma bola de manteiga.

O felino, esperneando vertiginosamente, com hercúleos estremeções, soltou um miado terrível, enquanto o touro resistia firme, como um atleta sustentando no ar um peso de trezentos quilos.

Com o bruto trambolho nos cornos, o touro, sempre aguentando rijamente as espasmódicas contorções da onça moribunda, tentava agora desvencilhar-se do enorme peso incômodo, sacudindo e abaixando a cabeça, rubra de sangue, que escorria em abundância. Foi inútil o seu esforço. Não pode derrubar ao solo o corpo do jaguar.

Eu pulava, batia palmas, como criança diante de briga de cachorros. Por fim, vendo inútil o trabalho do touro em livrar-se do corpo da fera, lá me fui eu em sua ajuda, enquanto soltava um fundo suspiro de alívio, pois acabava de me livrar daquele terrível inimigo, sem mais trabalho, sem dores de cabeça. Era um dos grandes momentos de minha vida na montanha!

Cheguei perto do touro. Notei que o tigre estava morto, pendurado nas aspas como um trapo. Com voz amiga, falei ao valente vencedor da batalha. Passei-lhe a mão pelo corpo, alisando-lhe o pelo. Depois agarrei a cauda da onça com a mão direita. Pus a esquerda à raiz dos chifres. Baixei a cabeça do touro, que obedeceu, mansinho. A seguir com as duas mãos na cola do felino, impus violento safanão, puxando com força aquela massa mole, sarapintada. O corpo baqueou com ruído surdo: buf!

O rebanho, ao meu redor, de orelha em pé, mudo, contemplava com a gente - a dramática cena. O touro, livre daquele peso, como a certificar-se da morte do seu rival, cheirou-lhe o corpo. Levantou a cabeça, arreganhou os dentes, numa espécie de risada, como quem diz: Conheceu, papuda?!

Durante minutos fiquei admirando a beleza do animal, enquanto passava as mãos no pelo macio e farto. A seguir, fui arrastando-o para junto do rancho, pensando no belo cobertor que eu acabava de receber de presente. Eu me considerava um rapaz de sorte, como não?

Lembrei-me da pele de onça que havia prometido a Maria Helena. Se o caçador tivesse sido eu, ela já teria o seu lindo tapete para enfeitar a nossa casa. Deixa estar, Lena, um dia eu hei de caçar uma onça. Você vai ganhar uma pele de onça caçada por mim. É só questão de tempo.

Intensa Atividade

Como disse, o melhor remédio contra qualquer tentativa de desânimo no meu isolamento, seria a ocupação. Seriam as surpresas, as emoções, novas emoções. Estas, graças a Deus, nunca me faltaram.

Passei todo aquele dia entretido em esfolar e carnear a onça. Deu trabalho, mas consegui tirar a pele sem cortá-la. Duas braças de comprimento. Uma coberta quente, macia, estampada, linda, linda, para as noites de frio intenso no alto daquela montanha. Eu tinha apenas a lamentar os furos praticados pelas aspas do touro. Furos que não se notavam, por causa da abundância de pelo comprido.

Estaqueei-a para que secasse ao sol. Em seguida, entreguei-me ao trabalho de destripar o felino. Tratei de aproveitar a carne para alimento. E já espetei um bom pedaço de quarto, achegando-o ao brásido, para que assasse feito churrasco.

A carne de onça não é ruim. Eu já havia provado em Nova Treviso. Há pessoas que a têm por saborosíssima, assim como lhe sabe saborosa a carne de gato.

Bem assada, naquele dia achei-a gostosa. Por isso, assei diversos espetos, garantindo alimento por mais de uma semana.

* * *

Ao tirar a pele, eu tive outra surpresa. Era uma fêmea, uma tigresa. Os tetos túmidos de leite. Sendo mãe, teria então deixado os filhos órfãos pela mata, quem sabe, em companhia do pai, o tigrão. Os filhotes, no entanto, poderiam estar sozinhos, com o pai serra abaixo agora impossibilitado de galgar a montanha, em virtude da destruição do acesso pelo alude.

Por via das dúvidas, eu andava cauteloso, prevenido, sempre de fogueira acesa, dia e noite, bombeando continuamente as margens da restinga, as proximidades do capão...

No dia seguinte, penetrei na mata e aproximei-me do local onde avistara a furna, perto da qual jaziam os restos da vaca morta. Com intensa alegria, via ali um tigrinho.

Fiquei radiante. Se o filhote estivesse mesmo desacompanhado do pai, que beleza! Pegaria o bichinho para criar. Que boa companhia e que belo divertimento para mim, não é, compadre?

Ocorreu-me a ideia de atirar à boca da gruta um pedaço de carne de onça, mas pensei, cão não come cão... Fui então à caça de um tatu, que descobri sem dificuldade. Tirei-lhe a dura capa. Agarrei as vísceras e um pedaço de carne e joguei à entrada da toca.

Não tardou nada. Surgiram dois tigrinhos, correndo e avançando. Famélicos, sobre o repasto. Que beleza! Não era apenas um, eram dois tigrinhos.

Fiquei esperando o aparecimento do tigrão, que não ocorreu. Concluí então que de fato o velho felino ficara isolado pela avalanche serra abaixo.

No dia seguinte, forçado de madeira na mão e um lacinho de em-bira, lá fui alimentar as pequenas feras. Acariciei-as enquanto comiam a carne. Agarrei uma e levei-a para o rancho deixando-a amarrada.

Voltei à furna e trouxe o outro filhote. Mansos e carinhosos como gatos, tornaram-se logo dois grandes amigos meus. Que extraordinária companhia eu acabava de receber de graça, não é, compadre? Eles, por sua vez, não agora sem a mãe, sem pai, tinham em mim um excelente companheiro e tutor.

Construí um cercado de pedras, dentro do qual os gatinhos se divertiam brincando o dia inteiro. Todos os dias eu passava alguma hora entretido com eles, que pulavam de alegria com a minha presença.

Agora, lembrei-me de novo da promessa feita a Maria Helena. O tapete estava garantido, embora ainda se encontrasse em processo de fabricação. Este seria um tapete de pele de onça caçada por mim. Sim senhor: caçada por mim.

Caçadas

Agora eu devia garantir alimento para três indivíduos. Mas Realengo era um viveiro de aves e animais de pelo, todos de carne saborosa e nutritiva. Não somente eu e os tigrinhos, mas uma numerou família poderia viver ali exclusivamente de caça, dispensando inteiramente os fartos recursos daquela gorda tropa de gado leiteiro e de corte.

Todavia nem sempre se tornava fácil conseguir caça, dada a falta de arma e de outros meios, que o tempo e a privação iriam sugerir. Em dias de chuva e cerração, a caça resultava praticamente impossível.

Mesmo para a caça da perdiz, que a princípio obtinha com facilidade, por vezes tomava-se quase inviável. Um dia, porém, por causalidade, consegui burlar o prodigioso mimetismo da codorna, que se esconde na grama, sem jeito de ser descoberta.

Foi assim. Era dia de forte ventania, que soprava do norte, prenunciando chuva. De repente vi de longe uma codorna andando. Armado de comprida vara de cará, dirigi-me para ela, que tratou de se agachar e se confundir com a grama, da mesma cor de suas penas.

Aproximei-me, olhando fixamente. Olhei, olhei. Nada. Súbito, o vento levanta as penas da ave... Vento bandido e traidor para ela, mas vento providencial e abençoado para mim.

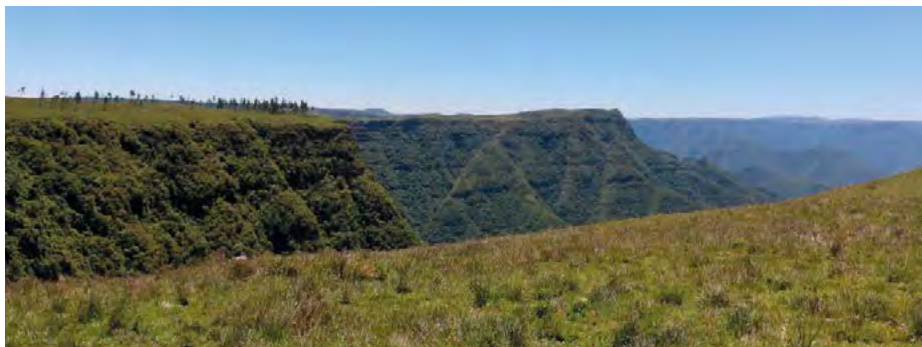
* * *

A caça do tatu representava igualmente um capítulo à parte na minha vida de solitário da montanha. Nas tardes quentes de verão, o tatu- mulita sai da toca e anda pelo campo à cata de formigas, vermes, insetos, de que se alimenta.

A primeira vez, corri furiosamente sobre o bichinho, mas o que agarrei foi apenas um punhado de capim. Passei raiva e vergonha... Outra vez, meti-lhe com força o pé em cima da casca dura. Esta escorregou como uma bola, e eu, bumba! Levei, com grande humilhação, o maior tombo da vida, sem conseguir deter o bichinho, que logo se enfiou, seguro e feliz em sua toca, ali perto.

Os insucessos sofridos me espicaçaram o brio. Aos poucos, fui criando agilidade nas minhas investidas contra os tatus. Agora, tatu à vista, era tatu no papo, gostosamente saboreado na casca, depois de assado.

Em dias de chuva ou durante o frio do inverno, tatu só sai da toca de noite. E caçar tatu de noite sem cachorro, ninguém caça.



Por isso, excogitei um meio de pegar tatu de noite. Como? Bastante simples. Construí uma caixa com paus, amarrada com cipós. Mediante um pedaço de tábua do meu rancho, fabriquei uma portinhola, com dispositivo que fechava quando o tatu entrasse na caixa.

Colocava a armadilha à boca da toca durante o dia. De manhã, quase sempre, encontrava preso um lindo tatu. Não era apenas o pequeno tatu-mulita, mas tatu dos grandes, de vários quilos de carne saborosa, que eu assava na própria casca, no meio do *borralho*.

Como o tatu era preso vivo, eu tinha agora a vantagem de formar um pequeno viveiro, com plantel sempre à disposição, para os longos dias de chuva e neblina. É claro, vez por outra, cavando a terra, algum me fugia, o que não representava problema, pois acabaria voltando.

Uma vez, peguei uma fêmea volumosa, que no dia seguinte deu cria. Meia dúzia de tatuzinhos-fêmea. Todos do mesmo sexo, conforme a lei da natureza. Foram se criando no cativeiro, numa toca que lhes abri, perto do muro de pedra. De dia acompanhavam a mãe, andando de lá para cá dentro do viveiro, comendo insetos e frutas, que eu lhes atirava. Um encantamento!

* * *

Mas havia no Realengo duas caças de pelo que me davam água na boca. Caça graúda, caça ideal para mim e meus gatinhos. Tratava-se do veado e do tateto, que eu via com frequência.

Depois de longo estudo, cheguei à conclusão de que deveria apelar arma dos índios - o arco e a flecha. O problema residia na fabricação do arco e na aprendizagem no tiro.

Fabricar não foi difícil, dada a abundância e variedade de excelente material existente. O mais difícil seria aprender a arte de atirar flechadas violentas e certeiras, capazes de prostrar sem vida um veado pardo ou um porco do-mato.

Fabricado o arco de cambuim, submeti-me a uma série de experiências práticas, atirando contra uma tábua do rancho. Ao cabo de poucos dias, encontrava-me apto para enfrentar a prova definitiva.

Aguardei uma bela oportunidade. Um dia, andando pelo campo, armado de meu arco e algumas flechas com ponta de osso afiado, avistei um virá pastando nas proximidades do capão.

Cautelosamente, embrenhei-me no bosque. Caminhei à sombra das árvores escondido. Abeirei-me do campo. Espiei por entre as ramadas e vi o veado pastando sossegadamente. Pertinho, uns 15 metros, se tanto.

Coloquei uma seta no arco. Estiquei. Saí do mato. O virá assustado, levantou a cabeça, olhando para mim. No que se dispunha a correr, a seta zuniu como raio, atingindo a caça pelo flanco direi-

to. Deu um pulo para cima e tentou fugir. Rápido como o índio, desfechei a segunda flecha, que também penetrou no flanco direito, ficando as duas cravadas, uma perto da outra.

De faca na mão, fui correndo e meti-a logo embaixo do pescoço, abrindo um talho que fez jorrar muito sangue, enquanto o bicho ainda esperneava.

Virá foi apenas aperitivo. Dai por diante comerei a caçar o enorme veado pardo, quase do tamanho de uma novilha.

* * *

A caçada do primeiro veado foi brincadeira. Mas a caçada do primeiro porco-do-mato ficou famosa na história da minha vida de prisioneiro da montanha.

Fiado no brilhante sucesso na estreia do arco e da flecha, aventurei-me um tanto precipitadamente na caça de um tateto, que, aliás, seria o primeiro de uma série.

Uma tarde, vi no mato uma pequena manada desses suínos selvagens, andando de cabeça baixa, sem se importar com a minha presença, ali perto.

Zuniu a flecha. Bem no flanco esquerdo. O porco tombou grunhindo, esperneando, golfando sangue, diante de minha alegria, com aquela façanha espetacular.

Minha alegria durou pouco. Os outros tatetos, certamente não gostaram do desaforo praticado contra o companheiro e investiram furiosamente contra mim. Não tive outra volta senão trepar às pressas na árvore mais próxima.

Congregou-se ali, ao redor da árvore, toda a porcada, grunhindo - metendo os dentes contra o tronco, na visível intenção de vingar a morte. Vingança inapelável.

Tentei afugentar a grito os furiosos mamíferos. Em vão. Quanto mais eu tentava, mais eles se enfureciam. Mas o pior é que, naquela precipitada afobação da fuga, para trepar na árvore, deixei cair o arco, com que poderia desfechar as três setas que ainda trazia na cinta.

Vendo que os animais não se afastavam, puxei, cortei um galho e dele fiz um cacete, com o qual entrei a surrar os bichos, com muita raiva.

Trabalho inútil. Até pelo contrário, em vez de fugirem, os suínos mais se enfureciam, não dando a mínima importância àquela tremenda surra.

Em suas investidas e corridas, os porcos andaram empurrando o arco para longe, fora do meu alcance, neutralizando qualquer possibilidade de vir a resgatá-lo com o porrete.

E agora, Pedro? Valente caçador, desce daí.

Eu desci, sim, mas foi só de noite, quando os tatetos resolveram cessar as hostilidades, retomando ao seu esconderijo.

O Fenômeno da Cerração

Esplêndidos, cheios de sol, foram os primeiros dias do meu cativeiro na montanha. A atmosfera límpida conservava a claridade e visibilidade das distâncias, deixando-me tempo para contemplar extasiado aquele espetáculo deslumbrador.

Uma tarde, andando pelo campo, notei de súbito um tropel de nuvens brancas avançando rapidamente e envolvendo num instante todo num denso lençol de alvíssima bruma.

Uma neblina cerrada, que amortalhava tudo, desde o pico altaneiro até a grama do campo. Nevoeiro impertinente, que encharcava, tirando completamente a visibilidade.



Fiquei parado, embasbacado, a contemplar, pela primeira vez, aquele estranho fenômeno da natureza. Quando me dei conta, jazia inteiramente envolvido, encoberto pela alvura opaca da ceração. Não enxergava mais nada, nada. Nem o chão! Nem os pés. Inacreditável!

E agora? Como retomar à casinha? Ninguém imagina o trabalho que passei. Desnorreei-me. Atolei-me no banhado. E só não despenquei pelo abismo, porque apalpava cuidadosamente o chão com os pés, para certificar-me da segurança de meus passos.

Levei duas horas para percorrer cerca de cem metros, sempre dando voltas, de um lado para outro, tentando descobrir um arroio e subir pelas margens até chegar ao capão, de onde pude me orientar um pouco, acertando por fim com o rumo do rancho. Andasse eu longe da casa, a noite me surpreenderia com a impiedosa friagem dos Aparados, podendo eu até perecer enregelado.

* * *

No dia seguinte, era domingo, a manhã nasceu radiosa, batida de sol. Só lá nas baixadas da planície catarinense fluuavam algumas nuvens brancas. A temperatura principiava a subir sensivelmente.

Por volta das dez horas, encontrando-me a uns 50 metros do meu rancho, de repente, mais ou menos ao nível da montanha, sobre o abismo, um como tênue farrapo branco, esgarçando-se. Depois outro. Mais outro. Davam impressão de se diluírem, ao passo que mais e mais se adensavam e cresciam.

Uns instantes, e já são dezenas de nuvens que surgem desabaladamente de todos os abismos, tapando completamente o vasto panorama. Invadem rapidamente o campo, envolvendo-o, cobrindo-o, eliminando visualmente o monte e o abismo...

De tarde, choveu, dissipando-se assim aquele terrível nevoeiro.

Fiquei desde aquele dia conhecendo a insidiosa cilada do cerrado dos Aparados. Cerração que já matou gente. O gaúcho conhece o sério perigo que apresenta o temível fenômeno. Por isso, quando nota os primeiros sinais, ao andar pelas proximidades dos itaimbés, trata logo de pôr-se a salvo. Se estiver a cavalo, entretanto, não corre perigo algum. Basta soltar as rédeas da montaria, que o levará direitinho pira casa.

A formação dessa neblina é frequente. Em certas épocas do ano, sobretudo no verão, aparece quase todos os dias, geralmente pela tarde.

A atmosfera esquentada, nas proximidades da serra, morro abaixo. A corrente de ar quente vai subindo, subindo. Encontrando, lá no alto, a corrente fria, se condensa a evaporação, nascendo daí a neblina, a nuvem, a terrível cerração.

Então, de toda essa infinidade de gargantas, como da boca de um monstro, exala-se sufocante respiração, que se desmancha em água, lentamente, peneirando.

Uma ocasião, o Realengo mergulhou no branco oceano da neblina, por volta das dez horas. Passei a tarde dentro do rancho. De noite, chuva torrencial, em meio de trovões. De manhã, levantei, quando lá fora soprava fortíssimo vento do Oeste, da campina gaúcha, disparando por sobre o abismo. Aqui no alto, pelo campo, nem uma nuvem.

Olhei serra a baixo e soltei uma exclamação de espanto. Diante de mim, estendia-se imenso mar de algodão, numa impecável horizontalidade, e impressionante imobilidade, prolongando-se até perder de vista, longe, longe, sobre o oceano.

Por trás dos penhascos mais altos, o nevoeiro, ao abrigo do vento, agachando-se, enovelando-se, formava caprichosas colunas torneadas, como de alvíssimo mármore, oferecendo um quadro merecedor de imortalidade, em tela de um Leonardo da Vinci.



O imenso oceano de bruma encontrava-se ali pronto para galgar a serra e disparar pela campina. Mas, defrontando-se com aquela infernal ventania permanecia ali escondido, encostado à trincheira dos rochedos, aguardando o momento de transpor a muralha e mergulhar no pampa, dando então por encerrado um dos mais belos espetáculos da terra.

Eu admirava aquela sublime epopeia de esplendor. Dois oceanos: o branco oceano da neblina e o verde oceano da campina. Um a par do outro.

A montanha, em sua inesgotável prodigalidade de maravilhas, continuava a me enfeitiçar. Eu estava cada dia mais deslumbrado essa obra-prima da natureza, que se pantenteava prodigiosamente ao meu olhar e a minha mente.

À Sombra do Nevoeiro

Curioso! A cerração, como fada traiçoeira, matava num instante todo aquele mundo de encantos, de panoramas estonteantes, infinitos, fazendo surgir a noite em pleno dia.

Então, ali, onde a vista mais longe se espriava, proporcionando a visão mais ampla de todo o Brasil, agora a cerração restringia o campo visual a um palmo de distância...

Por vezes o fenômeno durava todo o dia, obrigando-me a permanecer dentro do rancho, acabrunhado, suspirando pelo sol dos primeiros dias.

Entretanto, procurei logo descobrir meio de matar o tempo, para não me entregar a divagações sobre minha família, minha namorada, minha perdida liberdade. Isto só podia trazer-me transtornos, talvez desastrosos, que eu devia evitar a qualquer preço.

Comecei então a melhorar o interior da minha casinha. Com forquilhas e varas, ajeitei uma cama. Colchão de palha, capa e pele de onça servindo de coberta.

A seguir, tratei de fornecer o rancho de utensílios. Do mato trouxe um toco de árvore, com a qual, mediante a faca, pacientemente, fui fabricando uma gamela que me foi sempre de muita serventia, no meio daquela ausência total de louças, panelas e feramentas.

Da madeira, fabriquei ainda garfos e colheres. Depois, pensando no trabalho que teria com a futura cultura do milho, fabriquei pás e cavadeiras.

Descobri na mata um cipó resistente. Descascava com a faca, partia ao meio, de comprido, obtendo excelente material, com que principiei a trançar cestos e balaios. Com o tempo, exercitando-

-me neste fascinante artesanato, executava autênticas obras-primas. Grandes cestos brancos, mais resistentes e apresentáveis que os de vime, de extraordinária utilidade em minhas múltiplas atividades futuras de pecuarista, agricultor e oleiro.

Sim, oleiro, porque um dia inaugurei na montanha a indústria de cerâmica. Entrei a fabricar vasilhas de argila. Moldando o barro, aos passos, dei de produzir panelas, pratos, potes, canecos, tudo tão bem feito como o que se compra no comércio.

Em meia dúzia de panelões de terracota, podia agora conservar, mergulhada na banha de porco-do-mato, carne frita de veado, de tateto, de tatu, cotia e aves.

Este curioso processo, que eu conhecia desde criança, em casa dos pais imigrantes, estava agora definitivamente solucionado o virtual problema da subsistência na solidão da montanha. A carne, apesar da ausência do sal, mantém-se assim em excelente estado de conservação, durante semanas e meses.

Veio-me ainda outra ideia. Como filho de imigrantes italianos, todos muito religiosos, eu sentia saudade dos dias de festa, do culto, da missa, da igreja. Por isso tentei esculpir uma pequena imagem da Virgem Maria. Com a faca consegui moldar em madeira uma bastante apresentável. Ajeitei-a num nicho, a um canto da casa. Enfeitava de flores silvestres. Diante dela fazia minhas orações, chegando mesmo, aos domingos, a entoar algum cântico.

Pecuarista

O estancieiro gaúcho que invernavia uma tropa no campo do Realengo, findo o inverno, repontava seu rebanho para junto da casa da fazenda, no campo próximo, onde as vacas davam cria.

Agora, no entanto, presas no ermo, isoladas na montanha, sem meio de saírem, passariam elas a procriar em meu favor, uma vez que me tornara, por antes de magia, dono daquele rebanho.

Já no mês de outubro, duas apareceram acompanhadas por seus lindos terneirinhos, um tubiano e outro pampa, que saltitavam, lépidos e infantis, trazendo mais alegria e festa à solidão. Em novembro, o rebanho tornou a crescer. Eram agora em número de cinco as vacas leiteiras.

Com o providencial e rico alimento do leite, que surgia no ermo como por capricho de sortilégio, raiava nova era de vida para mim. Principiei a ordenhar uma vaca, depois duas e três.



No primeiro dia, ao sentir no peito, após tanto tempo, o prazer daquele delicioso licor branco, confesso sem hesitar, tremi de emoção e não pude conter as lágrimas.

Eu que aguentara firme tantos trompaços da vida, sem nunca molhar meus olhos no pranto, agora, diante daquele prodígio, diante daquele caneco de leite, que me refrescou até a alma, não foi possível deixar de chorar. Chorei de verdade, feito criança. A primeira vez, em toda aquela longa tragédia.

* * *

Como já dispunha de panelas de terracota, bacias, pratos, canecos, novos horizontes abriam-se para o trabalho e o progresso. Uma nova e revolucionária indústria, a indústria de laticínios, modeladamente instalada, com êxito surpreendente, veio trazer agora para mim uma nova dimensão no ritmo de vida, em proporções jamais sonhadas.

A nata do leite, excessivamente gorduroso, produzia deliciosa e abundante manteiga. Esta substituía, com notável vantagem, a graxa, com que temperava os mais esquisitos pratos de carne, sempre acompanhados de uma gostosa salada, preparada com duas variedades de chicória silvestre.

A seguir, pensei na fabricação do queijo. Lembrei-me do processo empregado pela mãe, na casa paterna, em Nova Treviso. O coalho, eu sabia, tirava-se do terneiro mamão ou ainda do estômago do tatu. Pois eu poderia matar um bezerro, por que não?

Escolhi um macho de poucos dias. Depois de obrigá-lo a alimentar-se fartamente com o leite materno, meti-lhe a faca. Retirei as vísceras. Separei o estômago-coagulador, deixando-lhe aderida pequena porção do intestino delgado. Tudo como vira a mãe fazer. Amarrei e dependurei por cima do fogo, dentro do rancho, para sacar.

Depois de cinco dias, moí uma parte, obtendo uma farinha branca. Era o coalho, o melhor coalho do mundo, para fabricação do tão suspirado queijo.

Não desperdicei a carne e o couro do terneiro abatido. Aproveitei para mim e para as oncinhas. Agora todo o leite duma vaca, oito litros por dia, era fervido numa terrina. Numa caneca deitava uma pitada de coalho, que derretia na água.

Após algumas experiências, acertei com a receita, obtendo um queijo excelente, talvez mais gostoso que o fabricado por afamadas indústrias de laticínios, apesar da falta de sal.

E sobre a pequena e tosca tábua que servia de mesa, o aparecimento do primeiro queijo foi saudado com um hino de ação de graças. Dir-se-ia um sonho!

Minha ambição não parou aqui. Faltava-me algo importante na era o mel. Por isso, andei a procura pelo mato. Descobri mel de irapuá. Mel de lechiguana. Mel de abelha-mirim. E, finalmente, uma colmeia de abelhas domésticas.

Retirei o mel e encafuei o enxame de abelhas numa caixa rudimentar. E daí por diante, as abelhas multiplicaram-se prodigiosamente.

O mel era um açúcar alimentício e medicinal, com que eu adoçava as diversas variedades de chás. Além de servir de remédio contra gripes e resfriados, o chá constituía excelente refresco para as horas de calor, após o trabalho.

Leite e mel era mais um canto daquele poema de maravilhosos cantos mais sublimes de toda aquela epopeia de aventuras atordoantes!...

Providências e Provisões

O pincel da primavera, em seu eterno ritual de beleza, distribuía tintas, colocava botões de ouro pela campina e decorava as encostas do alcantis, os alcantis, que, de tarde, à hora do Ângelus, punham na cabeça o amplo véu da neblina, para orar, recolhidamente, ao Deus das alturas.

Borboletas batiam palmas azuis ao festival da montanha. O coral da passarada, perseguindo o campeonato da música, executava a mais bela sinfonia.

As tunas dos fragedos e os lírios do campo embalsamavam o ambiente alpestre, enquanto ribeiros, brincalhões, cantando, regavam as folhagens das barrancas.

Eu era o único espectador daquele quadro de quimera. Por isso à noite quando o sacristão celeste acendia as velas das estrelas, na ampla abóbada do firmamento, eu, em silêncio, balbuciava preces ao Deus dos desertos e das montanhas...

Os dias, com a aproximação do verão, iam se tornando longos e quentes, proporcionando-me horas agradáveis, que eu aproveitava ao máximo.



Com o pensamento voltado para a incerteza do futuro e para a estação invernos, que decerto seria tragicamente fria, vou agora tomando as devidas providências e amontoando provisões, que pudessem garantir-me dias de sossego.

Quase diariamente, reparava, com emoção, o pé de milho, agora já empenachado e com três espiguinhas, sacudindo a doirada cabeleira da macia pragana, que a brisa penteava.

Como me tardava a colheita do precioso grão! É certo, naquele primeiro ano, não poderia aproveitar coisa alguma daquelas espigas haveria de guardar com avareza todos, todos, aqueles benditos grãos.

* * *

Filho de um dos primeiros imigrantes que desbravaram o sertão de Urussanga, criado no meio agreste de uma infinidade de privações, junto de meus pais e irmãos, eu, além de temperar duramente o caráter para as futuras asperezas da vida ingrata da solidão da montanha, colhera admiráveis lições, que agora vinham, mui oportunamente, prestar extraordinária serventia.

Surgiu-me daí a ideia arrojada de organizar uma olaria. OIaria a jeito das primeiras e rudimentares que vira em pequeno, fundadas pelos italianos.

Com pá e cavadeira de madeira, pacientemente, penosamente, fui arrancando uma nesga de grama do banhado. Durante horas fui amassando com os pés o barro tirado do solo. Depois, com quatro tabuinhas do rancho, improvisei o molde.

E os tijolos deram de lagartear ao sol, secando com rapidez. E, ainda no calor do verão, acendi a primeira fornalha. Tijolos perfeitos, bem cozidos, dir-se-iam fabricados à máquina.

Com pedras, grandes e pequenas, firmei sobre o lajedo, a dois palmos de profundidade, os alicerces da nova habitação, ao redor do velho rancho. Fui sobrepondo tijolos, o barro servindo de argamassa.

Em poucos dias, lá estavam erguidas as quatro paredes. Rasguei uma porta e duas janelas. Com as tábuas do velho casebre e varas de árvores, distendi o telhado...

A seguir, fiquei olhando para aquela obra, para aquele milagre da montanha, fruto surpreendente de minhas calejadas mãos, aquele palacete de alvenaria, disposto a desafiar as tempestades. Caí de joelhos emocionadíssimo. E dos olhos me saltou a segunda lágrima de gratidão!...

* * *

Tratei depois de ampliar a jaula dos tigres já grandes. Com pedras e tijolos, levantei um muro, fechando-o por cima com varas amarradas com cipós.

Agora, na vasta habitação de material, tudo refletia conforto e bem-estar. O queijo saía-me mais gostoso. Nata, manteiga, requeijão, três preciosos derivados do leite, prestavam-se admiravelmente para variar a alimentação.

Preocupava-me o fogo. Guardava avaramente algumas caixinhas que trouxera de casa, na minha precipitada fuga para o montanha. Quase

nunca deixava que o fogo se apagasse. Para tanto, à noite, cobria as brasas com cinza e traçava sobre ela uma cruz. De manhã, encontrava quase sempre as brasas vivas.

Mas um dia, esgotado o último fósforo, vi-me num grande apuro. O fogo apagara-se de todo. Nem mais uma brasa. Entretanto, eu sabia que os índios tiravam fogo da madeira. Tentei uma experiência.

Agarrei um galho seco e principiei a friccioná-lo com grande velocidade contra outro galho verde, sem obter resultado. Troquei três vezes a variedade de madeira seca. Por fim consegui criar a brasa, que achei a musgo seco e barba-de-pau. Assoprei, assoprei. E, milagre ardeu a chama...

Bendito fogo! Que seria de mim, pobre prisioneiro da montanha, se não tivesse fogo? Certamente morreria de frio e de fome.

* * *

Ao findar do outono, colhi as três espigas de milho, dependendo-as no forro da casa, com o maior cuidado. Era um tesouro que valia milhões.

Aproveitei os grãozinhos das extremidades das espigas, a fim de com eles armar arapucas e caçar, com maior facilidade, macucos, inhambus, jacutingas, pombas...

Depois, ao lado da casa, ergui outro muro de pedra e tijolo, estábulo das vacas leiteiras, aproveitando as pedras de taipa que guarneciam o velho rancho.

Encontrava-me agora em condições de enfrentar os rigores do inverno, sem maiores preocupações acerca do alimento e do abrigo, para mim e para o gado.

Os dois tigres já estavam adultos e fortes, oferecendo perigo para mim. Um dia levei um susto, quando, ao brincar com eles confiadamente, o macho avançou para mim, cravando as unhas num braço e arrancando um pedaço de pele.

Ah, é assim? Fiquei furioso e preocupado. Agora, mais do que uma festa, a presença dos dois felinos representava séria ameaça à minha integridade física.

Passados uns dias, vendo o volume enorme de carne que consumiam, não tive dúvidas. Resolvi sacrificar as duas feras. Amarrei-as pelo pescoço com um laço de couro de bezerro e veado. Agarrei a faca e cravei-a, sem piedade, no coração de ambas, uma depois da outra.

Soltando uma gargalhada, exclamei: Pronto! Já posso cumprir minha promessa. A Maria Helena acaba de ganhar o seu tapete. Tapete de pele de onça caçada por mim. Caçada por mim!

Tirei as duas peles. Arrastei os corpos até junto do precipício. Empurrei-os para o abismo, oferecendo um banquete para os graxains, uma vez que eu tinha abundância de outra carne melhor.

Em lugar das duas onças, coloquei dois pequenos coatis, que fui criando. Domesticaram-se com extraordinária facilidade, de sorte que deixava-os quase sempre soltos. Andavam sempre junto comigo, em casa, no campo. De noite, dormiam aos meus pés, que eles aqueciam com seu pelo comprido e macio.

Uma bela companhia! Bem mais interessante e vantajosa do que a dos tigres, que ultimamente só me davam trabalho e despesa.

Eu procurava zelar pela conservação dos animais de pelo, que agora com o isolamento da montanha, sofriam a grave ameaça de extinção. Já não ocorria o mesmo com as aves, que chegavam voando de todos os lados. Mesmo as codornas e perdizes. Cansei de observar quando vinham voando desde os campos de Bom Jesus, vencendo com facilidade a distância que separa o Realengo, sobre o abismo.

A Neve

Eu nunca tinha visto neve. Embora me faltasse experiência e conhecimento do clima daquelas altitudes durante o inverno, eu tinha certeza de que haveria de nevar no Realengo.

Pelo mês de maio o frio era intenso. Tive então ocasião de conhecer o famoso vento minuano tão decantado pelos gaúchos. Um vento cortante e gelado, soprado do Oeste, procedente da cordilheira dos Andes.

Certas manhãs de sol, após noites enregeladas e torturantes, o campo aparecia coberto de imenso lençol de branca geadas, que torrava por completo as pastagens. Eu nunca vira antes uma geadas tão grande nas baixadas de Urussanga e Tubarão, onde as maiores mal tostavam as folhas das bananeiras.



Durante estas noites de geadas cruéis, o gado abrigava-se no capão de bracinga. De dia pastava o capim torrado, uma espécie de feno, que visto de longe, desde os campos de Bom Jesus, parece um louro trival. Além do capim torrado, havia ainda o cará nas beiradas dos itaimbés. Uma forragem muito apreciada pelo gado.

Era um dia chuvoso e de frio intenso. Por volta das dez horas da manhã, a chuva fina começou a formar pequenos flocos brancos, que tombavam bailando, em meio a um silêncio impressionante, acumulando-se na grama.

Em poucos minutos, o campo encobriu-se inteiramente por vasto lençol de imaculada alvura. O arvoredo dos capões parecia houvesse um imenso xale de branquíssima lã. Dentro de meia hora, todo o Realengo estava encoberto de neve. Um deslumbramento!

Pela tarde, quando cessou de nevar, soprou rijamente o vento minuano, varrendo as nuvens e descobrindo o sol. Saí de minha casinha, a andar por sobre aquela epopeia de algodão, que agora, aos raios de sol, cegava os olhos, tomando um tom azulado.

Parei depois a contemplar a vastidão da campina, além dos itaimbés que separam o Realengo. A festa panorâmica, em sua mágica apoteose de alvura, desdobrava-se a perder de vista, na mais impressionante maravilha pampeana.

Parecia que uma chuva torrencial de pétalas de jasmins houvesse tombado sobre a campina ou que houvesse caído uma chuva de leite, formando um oceano de brancura, ondulado airoso nas coxilhas, disparando nas planuras, escalando escarpas e matas.

O branco oceano vinha estacar ali perto, na beirada dos despenhadeiros, diante dos quais ficava olhando para o abismo, sem coragem de saltar, enquanto oferecia aquele contraste de insuperável beleza.

Lá acima, pelo campo gaúcho, aquele mar de leite; logo abaixo, o negror dos costões, sem um floco de neve. Curioso! Em vão eu tentava descobrir sinais de neve lá embaixo, pelas encostas e na planície catarinense. Os Aparados formavam muralha intransponível, diante da qual se quebravam as fúrias do minuano e findava o domínio da nevasca.

Tornando a olhar para os campos de Bom Jesus, fiquei admirando os pinheiros, na régia esbelteza do seu isolamento. Pareciam enormes taças de espumante champanha, transbordando ondas de branco líquido sobre a mesa sem fim da campina.

Passei depois a olhar o pico do Realengo, suspenso sobre o abismo. Dir-se-ia monstruoso cordeiro de alvíssima lã, a cabeça metida em belíssimo gorro, o focinho negro perdido por sobre a vastidão.

Em certos pontos, ao abrigo do vento, do sol e da chuva, como trás da casinha, para o lado do Sul, a neve acumulada durava dias e dias.

Eu me lembrei dos pais, que falavam do espetáculo das nevasdas da Itália. Pois eu agora, sem sair do Brasil, deste país tropical, via aquela epepeia de arminho, quem sabe mais esplendorosa.

Lamentava não pudesse mostrar aquele enfeitado cenário à minha querida Maria Helena. Se ela, ao menos, imaginasse o que os meus olhos contemplam...

Nesses dias de neve e chuvarada, metido em minha casinha, eu trabalhava. Tive muito serviço com a fabricação de um pilão, que construí com um tronco de árvore. O pilão seria uma espécie de moinho, com que haveria de obter farinha de milho.

Em dias de bom tempo, após minhas caçadas quase diárias, que me garantiam a alimentação, comecei a cortar árvores e arbustos, e com eles fui construindo uma cerca, para fechar a lavoura, para o plantio do milho.

A seguir, entreguei-me ao duro trabalho de lavrar a terra, mediante cavadeiras, o que me custou bastante, dada a precariedade do instrumento que manejava, feito de madeira.

Mas o lavrado ficou lindo, naquela terra preta como carvão, agora inteiramente liberta de grama. Adubei com esterco de gado, deixando o terreno em condições de receber a semente, na entrada da primavera.

Uma noite, saindo para o campo a fim de espairer e meditar, fiquei espantado com um fato estranho. Era o mês de agosto. Olhando para os lados dos campos do Silveira, vi de repente milhares de labaredas. Pavoroso incêndio lavrando no gramado. Um espetáculo surpreendente e belo, no meio da escuridão da noite.

Parecia um lençol de petróleo em chamas. O que seria aquilo? No dia seguinte, de manhã, pude desvendar o mistério. O fogo havia devorado inteiramente o capim, a pastagem seca pela geada, deixando um deserto em trágica desolação. O fogo atingira toda a campina, até as proximidades dos itaimbés.

Todos os anos, pelos meses de julho, agosto e setembro, repetia-se aquele drama de fogo na campina rio-grandense. Era a queima do campo, que os fazendeiros realizavam em final de todos os invernos, a fim de a grama brotasse com mais vigor na primavera.

O Grão de Milho

Para o início do plantio de milho, reservei um dia de alta significação para mim - 13 de setembro, primeiro aniversário da minha chegada no Realengo.

Fui abrindo covas e deitando dois grãos em cada uma, procurando seguir um alinhamento simétrico. Mas tive uma decepção. O terreno preparado, contrariando minhas previsões, resultou insuficiente. Ficou sobrando muito grão, obrigando-me, por isso, a alargar o cercado e lavrar outro eito de campo.

Dentro de poucos dias, entrou a rebentar do solo nova planta, inteiramente desconhecida no alto daquela montanha. Um mês depois, era aquele poema de verdor exuberante, a transformar o velho panorama agreste.

Um mundo novo, surpreendente, vinha despontando, para transformação do meu ritmo de vida, já bastante monótono, e abrindo largo caminho para o progresso, a economia e bem-estar, para mim e a bicharada.

Comecei logo a pensar numa infinidade de realizações. Por isso, enquanto o milharal crescia luxuriante, tratei de amassar mais barro e cozinhar outra fofalha de tijolos.

Com estes construí um forno e um viveiro para aves, coisa que vinha me preocupando, para quando dispusesse de milho em abundância.

A lavoura de milho embonecado parecia entoar um hino de gratidão, um canto bucólico, pelo milagre do grão de milho, providencialmente tombado no forro do paletó.

Entrei a colher folhas verdes para o gado leiteiro. Com esta nova pastagem, as vacas aumentaram logo a produção de leite, melhorando ainda a substância e o sabor.

O gado mais sadio do mundo cria-se ali nas alturas dos Aparados. A *viração*, saturada de sal e iodo, soprando da costa oceânica, a par do clima frio das alturas, conserva as reses sem vestígio de bernes, sempre reluzentes e fortes.

Dias após, novo e gostoso alimento figurava na minha humilde mesa. Eram as espigas de milho verde, assadas na brasa ou cozidas na água. Um arrepio de emoção sacudiu-se o corpo inteiro, ao saborear, depois de tanto tempo, o apetitoso manjar da gente do meio rural.

Corrido um mês, o serviço passou a exorbitar de modo imprevisto com a quebra do milho. Montes de lindas e grossas espigas deram de branquear sobre o terreno preto e fofo.

Com cestos, ao cair da tarde, eu transportava o cereal para dentro de casa. À noite, à luz da candeia, alimentada com graxa de porco-do-mato, empilhava caprichosamente as espigas nos cantos da moradia.

* * *

Ainda antes que o milho estivesse maduro e seco, bandos de papagaios, em algazarra, invadiam a lavoura e devoravam o milho. Uma festa para mim, que mediante um lacinho de crina de cavalo, capturei um papagaio xará, de penas verdes, azuis e amarelas.

Era um novo companheiro e amigo no ermo da montanha. Fui ensinando-lhe a falar. Aprendeu meu nome, o nome da Maria Helena e, mais tarde, a cantar.

A palavra, na voz atrapalhada da ave, soando aguda no silêncio do monte, trazia de longe para meu coração um mundo saudosas recordações da perdida convivência com os homens...

Mediante grãos de milho, servindo de isca, armei arapucas e prendaí meia dúzia de pombas silvestres, que encerrei no viveiro, já concluído, todos os dias, encontrava nas diversas armadilhas,

perdizes, perdigões, inhambus, jacus, jacutingas. Do campo trouxe ainda um casal de seriemas.

O viveiro parecia um jardim zoológico, animando e sonorizando a solidão. Um bando imenso de aves, que o milho engordava, para fornecer um alimento saboroso e nutritivo.

Os galináceos e as seriemas domesticaram-se logo, tornando-se mansinhos, a ponto de me acompanhar em meus passeios pelo campo e entrando em casa, confiadamente.

Em ninhos de palha de milho, punham ovos, que, além de aumentar o bando, ofereciam novo e precioso alimento.

Manadas de tatetos, de pacas, cutias e de outros roedores, causavam estragos na lavoura de milho, que só aos poucos ia sendo colhido. Com um laço, preendi três porcos-do-mato, para os quais construí depois um chiqueiro com pedras e tijolos.

Os tatetos iam engordando e procriando, para minha alegria. Agora eu tinha sempre à mão carne excelente, além da banha, servindo de azeite comestível e de combustível para a candeia.

Consegui também pegar três veados, dois virás e um pardo, que igualmente se domesticaram e, mais tarde, procriando, formaram um pequeno rebanho de cabras selvagens.

Com o andar do tempo, toda a bicharada, assim de pelo como de pena, afeiçãoou-se tanto a mim, podendo andar solta durante o dia. Ao cair da tarde, especialmente as aves, retornavam ao viveiro, para dormir sossegadamente, a salvo de graxains e gambás.

* * *

Chegou a vez de usar o pilão. Nele esmigalhei um punhado de grãos de milho e preparei a primeira canjica. Canjica com leite, adocicada com mel. Uma gostosura! Como não houvesse mais gente para saboreá-la, repartia com a bicharada, que se lambia, festivamente.

Mas o sonho ideal, o meu mais cobiçado sonho, o sonho que andava perseguindo com apaixonado afã, era a polenta. Quanta saudade que eu tinha da gostosa polenta de Nova Treviso! Deu trabalho, mas sempre consegui moer farinha no pilão, farinha grossa, é verdade, mas autêntica.

E numa esplendorosa tarde de verão, quando o pico do penhasco vestia a brancura do seu imenso véu de noiva, quando o sol descambava afogueando as coxilhas gaúchas, e os campanários dos cimos repicavam em silêncio as Ave-Marias - na panela de argila fumegou a deliciosa polenta italiana!...

Uma polenta cor de ouro, que saboreei com carne de tatu e molho de banha de tateto. Embora sem o tempero do sal, sabia-me como o mais fino manjar dos deuses!

Desta vez também não pude conter as lágrimas. Duas grossas lágrimas rolaram na minha face como hino de ação de graças, por mais este portento no alto da montanha.

* * *

Mas eu ainda não estava plenamente satisfeito. Faltava-me algo importante, que poderia obter com o precioso cereal. Faltava-me o pão. O pão de milho, é claro. A broa. Seria possível? Como não?

O problema residia no fermento. A minha mãe, em meio à desolação da mata, em seus primeiros anos de vida na nova pátria, não tendo onde adquirir o lêvedo, ela mesma o fabricava. Eu tinha uma vaga ideia do curioso processo utilizado pela mãe.

Amassei a farinha e fiz um bolinho. Deixei que azedasse. Levou dia e meio para fermentar. Depois cortei em fatias. Deixei secar a sombra. E pronto. Diluí no caneco, com água morna. Deitei na massa com leite, manteiga e ovos. E levedou. Sim senhor. Levedou muito bem! Ora viva!

Eu iria agora inaugurar o forno, com toda a solenidade. Dei lenha, pus fogo. Bem aquecido, fui introduzindo nele os pães sobre palhas de milho, servindo de lata.

De cinco em cinco minutos, eu retirava um tijolo da boca do forno para controlar o trabalho lento do calor.

Por fim, vendo-o rosado e lindo, tirei do forno. Tomei-o em minhas mãos trêmulas. Estava quente, fumegante, perfumado. Um poema! Com ele a queimar-me as mãos, beijei-o com o beijo mais quente que a próprio pão...

No deserto da Palestina, um dia multiplicou-se o pão para saciar milhares de bocas. Agora, na solidão da montanha, multiplicava-se o grão de milho para alimentar uma só boca humana. Alimentar somente a mim, que me perdera pelos caminhos do mundo, encerrando-me numa prisão, da qual não poderia sair.

O Sermão da Montanha

O serviço agora exorbitava. A lavoura, a criação, as tarefas domésticas, ampliadas com o advento do milho, absorviam-me inteiramente as horas do dia e algumas da noite.

Trabalhava toda a semana sem descanso. Aos domingos, entretanto, domingos que o meu rudimentar calendário assinalava, eu guardava o dia do Senhor. De manhã, dava de comer às aves, aos suínos, aos veados, tirava leite. Depois descansava.

Vestia meu traje domingueiro, confeccionado com uma pele de onça. Sim, esqueci de contar que eu guardei uma pele para levar de presente a Maria Helena, mas com a outra fiz um traje para mim, para ser usado nos dias santos.

Para os dias úteis, eu ainda tinha um resto de roupa que havia de casa. Tinha também trajes de couro de veados, de porco-donato, de coati. Trajes costurados por mim com tentos de couro.

Então, nos domingos, vestido com meu lindo traje estampado, eu saía passear pelo campo. Ficava horas a contemplar os panoramas que se abriam diante de mim, um ao nascente, outro ao poente. Panoramas de espantosa diversidade.

Andava pelo mato, examinava as beiradas dos precipícios a ver se não descobria meio de evadir-me daquela prisão. Mas confesso que eu fazia isso com certa reserva, como que receando de descobrir mesmo o caminho da saída. Eu tinha medo de descobrir o meio de me evadir e deixar aquele recanto de fábula, agora, sobretudo, que se tornava tão atraente para mim.

Eu achava que um dia transporia os limites da minha prisão e tomaria o caminho da casa. Mas isto podia tardar, porque eu pre-

cisava desfrutar o conforto que tanto me custara. Por isso repetia: Espera, Pedro. É cedo ainda. A Maria Helena fica te esperando. Ela jurou.

* * *

Aos domingos, não sei por que, parecia que a natureza vestia um traje mais festivo. As aves cantavam mais alegres. As andorinhas, vejam bem, que no inverno não emigram, porque se escondem nas quentes furnas dos paredões, riscavam o ar em voo rasantemente, trincando aos meus ouvidos.

A serrania e os precipícios dir-se-iam tangidos por invisíveis mãos de sortilégio, transfigurando-se. Os alcantis pontiagudos juntavam as mãos em prece das torres da catedral da natureza, bimbalhando em surdina na voz metálica dos sinos.

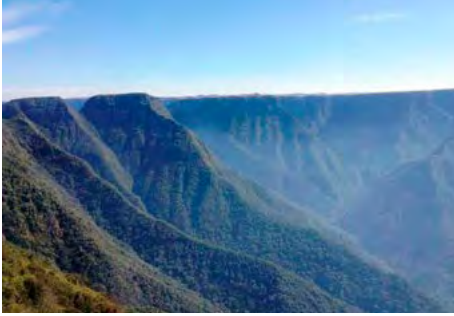
Os tubos gigantesco do órgão do Pingador, ao longe, enchiam a amplidão com suaves sinfonias, fazendo fundo musical ao canto da passarada.

Os cabeços dos cerros, em plano inferior, cobertos de bruma, eram virgens arrastando a brancura dos seus véus, em radioso cortejo.

E lá bem no alto, sobranceiro a todo o imenso ritual, o pico Realengo gesticulava com eloquência o seu pétreo sermão, o sermão da montanha...

Passeando aos domingos, durante a primavera, eu me deleitava diante das flores, tão abundantes naquelas altitudes. Os banhados eram um imenso jardim florido. Florido de lírios do campo, os amarílis, uns brancos, outros rajados e, na maioria, vermelhos.

Na orla dos itaimbés, sobre pedras, as tunas abriam seus lindos ramalhetes de flores. A seu lado, rastejando, a flor da paixão, a flor de maracujá. Nos degraus e fendas dos paredões, enormes folhas redondas, algumas de dois metros de diâmetro. Fiquei sabendo mais tarde trata-se da *gunnera manicata*, popularmente conhecida



como aboboreira do mato. É encontrada exclusivamente nos Aparados e no Taimbezinho. Uma só folha dessa gigantesca *gunnera* pode defender uma pessoa do sol e da chuva⁶.

Mesmo no rigor do inverno, a montanha, em algum recanto, coloria-se de flores de melífluo perfume, de um arbusto inteiramente desconhecido para mim, quando morava serra abaixo.

Em março e abril toda a floresta dos Aparados vestia-se da cor violácea da quaresma, com milhões de arbustos espalhando manchas roxas. É o “jasmim da quaresma”, o *tibouchina*, de que existem várias espécies, sendo a maioria de cor roxa. É a árvore mais ornamental do Brasil, autêntica maravilha, cujo habitat preferido é a região da serra dos Aparados. No tempo da Quaresma, eu enfeitava o altarzinho de nossa Senhora com a flor do *tibouchina*.

Por vezes, sentava-me no alto da coxilha, o olhar perdido na amplidão, estático, diante da apoteose, velha, mas sempre nova, mais deslumbrante.

Lá embaixo, o trabalho dos homens abrindo clareiras na mata, fazendo surgir lavouras, povoados. A torre das igrejas sempre apontando para o alto, para o céu, para a montanha.

A montanha, para onde me levava o misterioso sinuelo da aventura. A montanha para a qual Deus conduz seus filhos a fim de falar-lhes ao coração como aos seus discípulos no alto do Tabor.

⁶ Essa vegetação é comum no cimo da Serra do Rio do Rastro em SC, pode ser vista na beira da estrada para Bom Jardim da Serra. A mesma vegetação se encontra na Carretera Austral, no Chile.

A montanha purificava-me no cadinho do sofrimento. Eu sofria pela falta de convivência com os homens. É verdade, eu sofria por ver-me longe tanto tempo de meus pais e irmãos, por ver-me longe da minha querida Maria Helena, a moça de meus sonhos, razão de toda a minha desgraça. Por causa dela é que estou aqui. Por causa dela, não. Por causa da maldade dos homens.

A Traição do Cará

Na prisão do Realengo, nunca mais provei das frutas que em casa dos pais em Tubarão faziam a minha delícia, em tempo de garoto. Quanta saudade das laranjas, limas e bergamotas! Como lamentava a total ausência das substanciosas bananas, dos gostosos abacaxis, das maçãs e dos pêssegos...

No Realengo, com exceção de alguma planta de fruta silvestre, não bracejava sequer um pinheiro, um só pinheiro. O pinheiro ativo e belo que ali, do outro lado do abismo, engalanava de bucólica poesia a já tão pitoresca paisagem pampeana.

Como explicar a total ausência do pinheiro-araucária no Realengo, se toda a região superior dos Aparados constitui o habitat privilegiado desta portentosa árvore, com seu saboroso fruto, o pinhão, que durante os meses de inverno alimenta homens e bichos? Vivente algum, nem homem nem gralha, plantou um só pinhão naquela urbertosa porção de campo, que poderia apresentar-se airosamente coberta por grosso pinhalão.



Ao longo da cordilheira aparadinha, por campinas e serras, vicejam milhões de pinheiros. Gigantescos troncos de três a quatro metros de circunferência e que três pessoas mal conseguem abraçar. Pinheiros que produzem enormes pinhas, não raro de vários quilos!

Falando das plantas da serra dos Aparados, não posso deixar de me referir a uma viceja abundante no Realengo e que um dia me causou verdadeiro drama, que muito me preocupou.

Era domingo de inverno. De manhã saí a passear pelo campo, como sempre ouvindo a lírica mensagem da soledade, o apelo insinuante do silêncio que fala.

Manhã fria e radiosa. Pela encosta da serra, logo abaixo dos altos picos, brancas nuvens, paradas, pareciam rebanhos de ovelhas sonolentas, ruminando a poesia dos montes.

Olhando para os contrafortes daquela muralha colossal e para a vastidão da campina, eu admirava o capricho da natureza. Os campos que se prolongam até a Argentina e Uruguai, onde começam ao nível do mar, vêm subindo, vêm avançando, sempre a subir, até atingir a altitude de 1.500 metros, em território de Santa Catarina..

Chegando aqui, junto da muralha dos Aparados, estacam de repente, diante daquele abismo intransponível. Intransponível até para o homem e para o gado. Tanto assim que os estancieiros não se preocupam em construir taipas ou cercas de arame para impedir que os se precipitem no abismo.

Por outro lado, cá embaixo, a planície catarinense avança, avança quase sem encontrar obstáculo. De repente chega aos pés da muralha dos Aparados, e então, é aquela infinidade de costões, de paredões, alguns escalando verticalmente as alturas, até atingir os mil e quinhentos metros.

Pois, como ia dizendo, nessa manhã de inverno, ao tecer considerações acerca desta oitava maravilha do mundo, fiquei observando o gado: Vacas, bois, novilhas, terneiros e o velho touro valente. Perto, um bando de negros chupins, saltitando na relva, ao lado de um par de assanhados chanchãs, faziam um barulho infernal.

Notei que o gado vinha emagrecendo a olhos vistos, pois as pastagens estavam estorricadas pelo rigor do inverno. Pareceu-me que faltava um boi. contei a tropa. contei as reses, uma a uma. Sim, faltava um boi tubiano.

Fiquei preocupado. Quem levou meu boi? O tigre? Outra vez o tigre? Não pode ser. Preciso descobrir outro ladrão. Andei pelo campo todo, subindo e descendo coxilha. Penetrei no capão, na restinga do mato, por tudo. Nada. Nem indício de boi, nem indício de tigre.

Misterioso! À noite adormeci com o pensamento no boi desaparecido. De manhã, segunda-feira, campei novamente por todos os cantos. Sempre em vão. Nada. Nenhum sinal do meu boi tubiano.

Na terça-feira, notei, voando perto dos peraus, diversos urubus.

Achei estranho. Cheguei a perturbar-me: Não vá essa corvalhada

a farejar o meu boi! Então teria caído morro abaixo? Seria a primeira vez. O gado, dizem, não tomba nos itaimbés.

Dirigi-me para o lado onde os corvos vojavam em largos círculos, vagarosamente. Aproximei-me da beira do despenhadeiro. Bombee de um lado. Bambee do outro. Súbito, descobri tudo.

Lá estava, sim, o sinal da queda do animal. E lá estava a explicação do mistério. Os carás. Os carás emergiam ali abundantes do paredão. O gado, notadamente no inverno, por falta de outras pastagens, procura esta saborosa forrageira.

O cará é uma espécie de bambu de cana maciça, e de cujas varas se fabricam excelentes caniços para pesca de anzol. O cará ama os despenhadeiros, seu chão predileto. Toda a imensa extensão dos Aparados enfeita suas beiradas, seus grotões, seus abismos, com a roupagem verde-clara do cará.

Mas o cará é fruto proibido para os rebanhos. Embora o gado procure não cair, por vezes, resvala com as patas, ao tentar alcançar as pontas do cará, e lá se vai para o abismo. Só agora é que eu fiquei sabendo. Agora que havia perdido o meu bonito boi tubiano.

O Rolar dos Anos

Assim como as águas rolam sem cessar pelos costões dos Aparados, da mesma forma rolavam os dias, as semanas, os meses e os anos, pura mim. Sempre com o eterno desfilar do sorriso da primavera, do verão, da nostalgia crepuscular do outono e do gélido inverno, sempre sublimado pela epopeia das nevadas.

Minhas mãos estavam calosas de tanto arrotar a terra, tratar do rebanho, das aves, dos suínos, das cabras. Tirando o leite, fabricando queijo, pão, polenta...

Meu cabelo e barba cresceram, dando-me o aspecto rude de um ermitão. Meu corpo musculoso e rijo ia coberto de grosseira vestimenta de pele. A indumentária constituía problema para mim.

Uma circunstância providencial, todavia, foi a chuva que caía na hora da minha partida da casa paterna. Aquela chuvarada torrencial, que acabou numa enchente, a tradicional enchente de São Miguel, fez com que eu saísse de capa, para a minha imprevisível odisseia pelos caminhos do mundo.

Bendita chuva! A grossa capa de feltro, abrigo ideal contra a chuva, o frio e a neve, servia-me também de cobertor. Um excelente cobertor para as noites sempre frias do Realengo, mesmo em pleno verão.

A camisa, as calças e o paletó, sempre no corpo, todos os dias, tiveram curta duração. A capa, só a capa, foi resistindo galhardamente aos ultrajes demolidores da vida trabalhosa de pecuarista, agricultor e caçador.

Por fim, depois de algum tempo, daquela indumentária restavam apenas uns trapos miseráveis. O recurso foi apelar para as peles. Costuradas com tiras de couro, deram um traje pouco apresentável, mas de extrema utilidade.

Fazia um figurão com a pele de onça. A princípio quando a vestia, os animais, sobretudo as reses, ficavam olhando para mim com assombro. Depois se habituaram. De certo chegaram mesmo a achá-la bonita. Os animais, as aves, todos meus companheiros inseparáveis, mereciam um regalo. O regalo de apreciar no corpo do seu patrão, um belo traje estampado. Como não?

* * *

Com a saúde nunca tive maiores problemas. Alguma gripe durante o inverno. A vida trabalhosa, o rigor da invernia, a aspereza do alimento insosso, a friagem da *viração*, as chicotadas do minuanho, tudo servia para me robustecer mais e mais a saúde.

Totalmente segregado da humanidade, escutava somente, lá embaixo, nas gargantas da estrada do Pilão, o grito forte dos tropeiros descendo e subindo, grito que reboava sonoro pelas quebradas dos costões, lancinando a nudez dos fragedos.

Via esses tropeiros de longe, a silhueta sobre a coxilha do pampa, a tocar o colar de cargueiros e das boiadas, que seguiam, em longo jornadaio, rumo de Tubarão, de Laguna.

Inteiramente alheio aos acontecimentos, eu ignorava os conflitos, os combates e batalhas da Grande Guerra, que então ensanguentava o mundo.

Enquanto os homens se degladiavam na planície, eu, qual Moisés na montanha, entoava o hino do trabalho, todos os dias, todos os dias.

Além da vida rotineira, na lida cotidiana na agricultura, na pecuária e na caça, por vezes variava de serviço. Um dia, resolvi construir um açude, represando as águas de um arroio que rega os campos do Realengo. Com pedras, tijolos, torrões e barro, levantei resistente barragem, a pequena distância do abismo, para o nascente.

E assim, com o manso lago de águas límpidas, espelhando o azul do céu, o sol, a lua e as estrelas, acrescentei mais um encanto ao imenso conjunto de maravilhas da montanha. O amplo açude

era agora uma piscina, um balneário para mim e para os animais, o paraíso das marrecas que, volta e meia, em longos voos, sulcavam aqueles sadios ares das alturas.

Veza por outra, algum acontecimento atmosférico quebrava a monotonia de minha vida. Impressionante o fenômeno que presenciei mais uma vez. Era um dia de intenso calor. Por cima de minha cabeça, um céu de anil, sem uma nuvem. Entretanto, no mesmo instante, morro abaixo, ia se formando feio temporal.

De repente, no meio daquela montanha de nuvens, em nível inferior ao Realengo, risca um relâmpago e ronca um trovão. Daí a pouco, terrível entrevero. Canhões trovejando cospem fogo, ali aos pés, banhados de sol. Para apreciar semelhante espetáculo, eu não precisava, como hoje ocorre, viajar de avião. Tinha-o aí mesmo, com os pés firmes no campo.

Num domingo, olhando para o nascente, para aquela planície sem fim, coroada ao longe pela branca faixa de areia da praia, eu refletia: Decerto, antigamente o mar vinha até o sopé dos Aparados. Com o rolar dos anos, entretanto, a erosão das águas, carreando sedimentos, foi recuando as praias, formando a planície, para o trabalho do homem.

E, ainda agora, todos os anos, todos os dias, todas as horas, a ação das águas vai roubando terreno ao mar, dilatando sempre mais estas várzeas de centenas de quilômetros.

Quando eu me colocava diante do pico do Realengo, escutava o estranho ruído de pedras que se desprendiam do alto, rolando pelo despenhadeiro. A primeira vez, num dia claro de sol e sem vento, levei um pequeno susto, supondo andasse alguma fera pelas margens cobertas de bracinga e cará.

Pois é, concluí eu, desta maneira, até mesmo sem chuva, terra e pedras vão rolando, rolando, em busca da planície. Deslizamentos, então, eu continuava a ver todos os anos, por ocasião das grandes chuvaradas de agosto e setembro.

Um Sonho

Na segunda safra de milho, quando havia ampliado grandemente a lavoura, sofri uma decepção. Em fins de novembro, uma geada extemporânea destruiu completamente todo aquele imenso milharal. Fui a replantar toda a lavoura, o que me custou trabalho e aborrecimento.

No ano seguinte, repetiu-se o desastre, deixando-me ainda mais aborrecido. Além disso, os dias de cerração, não raro ocupavam toda a semana. Eu só tinha sol nas primeiras horas da manhã. Por volta das dez horas, vinha o fenômeno, vale dizer a noite.

Nessas horas de inatividade, está claro, eu era tentado a alterar meu modo de pensar. Então refletia com objetividade sobre a minha desgraça. Esquecia-me daquele relativo conforto, que tanto me custara. Esquecia-me da bela companhia da bicharada. Esquecia-me dos encantos da natureza. Esquecia-me de tudo o que antes me atraía, para recordar com saudade os anos de liberdade. A vida em casa de meus pais, no colégio. Recordava, sobretudo, a minha querida Maria Helena. Surgia daí uma grande vontade de transpor a barreira que me prendia na montanha, para voar em direção de Nova Treviso, de Tubarão.

Mas eu reagia. Inventava algum serviço diferente, só para esquecer, para me distrair. Foi assim que um dia me tornei doceiro. Resolvi fabricar bolos de farinha de milho, adoçados com mel. Mel eu tinha em abundância, pois havia multiplicado as colmeias. Ovos também sobravam. Jacus e jacutingas punham ovos maiores do que os de galinha.

Lindos bolos, assados no forno, para mim e para minhas aves, que assim mais se afeiçoavam a mim. Quando eu estava aborrecido, por vezes procurava entreter-me com a bicharada, dando-lhe de comer pedaços de pão, de bolo, de polenta.

Falava com o papagaio. Brincava com os coatis, com os vea-

dos, com os tatus. Nestas ocasiões, pensava comigo: Se um dia tiver que descer desta montanha, vai ser duro deixar todos esses bons companheiros e amiguinhos.

Um dia, com o pensamento na fuga, fui olhar a ladeira aberta, pelo deslizamento. Vou olhar - disse.- Quem sabe, com o andar dos anos as coisas podem ter se modificado.

Era verdade. A vegetação começava a revestir parte do paredão que antes se encontrava totalmente liso, sem um fio de grama, sem arbustos. Exultei. Daqui a mais um ano ou dois, poderei tentar a fuga, com auxílio de alguma corda...

Pois as coisas andavam neste pé, quando um súbito acontecimento na montanha entrou a transformar definitivamente o meu pensar, a minha vida, inaugurando nova e decisiva era. O fato ligava-se intimamente à minha intenção de descer da montanha.

Era uma noite quente de verão, durante o mês de dezembro, Noite abafada e de insônia. Depois da meia-noite, ferrei num sono profundo durante o qual tive um sonho, um lindo sonho.

Apareceu-me um estancieiro gaúcho, com seu traje típico, como tantos que eu vira a cavalo, tocando a tropa. Imenso chapéu de abas largas, barbicacho laçando o queixo, lenço vermelho no pescoço, pala nos ombros, bombachas de franjas, botas de cano alto, esporas de enormes rosetas. Rosto moreno, com uma cicatriz na face parietal direita.

O fazendeiro falou: Pedro, quando eu vivia e invernavo neste campo, enterrei aqui uma panela com dinheiro de ouro. Arranque esse dinheiro, porque de hoje em diante lhe pertence. Encontra-se enterrado a vinte passos da lagoa, para o lado do nascente, em direção ao pico e perto de cinco pedras encordoadas.

Dizendo estas palavras, o gaúcho desapareceu, e eu acordei. Acordei alegre, mas logo desapontado, ao notar que estava dormindo e que aquilo fora um sonho. Apenas um sonho. Dei ao sonho a importância que em geral todos damos a tais fatos. Durante o dia,

não pensei vez naquela linda aparição onírica.

A noite seguinte, voltei a sonhar o mesmíssimo sonho, com o mesmo fazendeiro gaúcho, nos mesmos trajes, na mesma voz, repetindo as palavras da noite anterior, todas as mesmas palavras, sem mudar, omitir ou acrescentar uma só.

Ainda desta vez o belo sonho não mereceu de minha parte a menor atenção. Nenhuma atenção lhe dei. Ora, acreditar em sonhos! Era só o que me faltava! Andaria bem aviado quem vivesse correndo atrás do que mandam os sonhos. Acabaria endoidecendo.

Durante todo o dia, trabalhei na lavoura, moí farinha de milho no pilão. Tratei as vacas, tirei leite. Dei de comer às aves, aos suínos, aos veados. Passei o dia todo sem me lembrar uma vez do sonho.

Mas na terceira noite, tornei a ter o mesmo sonho. O mesmíssimo sonho, com o mesmo fazendeiro, as mesmas palavras, o mesmo insistente pedido.

Comecei a me preocupar. Quem não levaria em conta um sonho repetido três noites a fio? Lembrei-me de ter ouvido em Tubarão que um sonho repetido três vezes é significativo. Lembrei-me também de ouvir que havia fazendeiros e tropeiros que tinham o costume de enterrar o dinheiro, em certas circunstâncias, como em tempo de guerra, de revoluções.

Quem sabe, poderia algum fazendeiro ter enterrado mesmo a panela de ouro naquele recanto tão escondido aqui na montanha do Realengo. Por que não?

Mas logo disse: Não, Pedro, é tolice! Deixa de bobagem. Não pense no sonho.

Fui trabalhar. Mas quem diz que o pensamento do sonho me deixaria em paz? Não tive mais sossego um só instante, por mais que tentasse. Uma obsessão! Vareei com ele na cabeça o que deu o resto do dia e toda a noite.

De manhã retornei a lida rotineira, procurando esquecer o sonho. Impossível. O sonho, o fazendeiro insistente, a panela do dinheiro, não me saíam da cabeça. Cheguei até a fazer planos para o futuro.

Entre as muitas considerações, pensei até na bíblia. Sim, na Bíblia, que eu conhecia muito bem, pois as Irmãzinhas do Colégio São José me haviam ensinado a Bíblia. Pois a Bíblia diz que Cristo, narrando suas parábolas, referiu-se a um tesouro escondido no campo. O reino dos céus é semelhante a um tesouro no campo...

Ora, veja só. Se Cristo falou em tesouro escondido no campo, é por que os tesouros escondidos existem de verdade. Então por que não poderá estar escondido neste campo um tesouro? O tesouro de que falou o fazendeiro do sonho?

* * *

Almocei e saí para o campo, acompanhado como sempre, por meus amiguinhos, os veados, os coatis, as seriemas, as jacutingas.

Atravessei a lagoa por cima do muro da barragem. Andei contando os passos, a uns quinze metros da beira do itaimbé, rumo ao pico. E, espantoso! Estavam lá, sim senhor, as cinco pedras encordoadas, bem como dizia o sonho...

O coração bateu descompassado dentro do meu peito. As pernas tremiam. Sentei-me na grama, o olhar perdido na lonjura. Tinha medo de endoidecer. Então, estaria eu na iminência de me tornar milionário da noite para o dia? Tornar-me senhor, quem sabe, de fabulosa fortuna?

Retornei à casinha. Agarrei a cavadeira. E, sempre acompanhado pelos meus amiguinhos irracionais, voltei para junto das cinco pedras. E, sem perder tempo, desandei a cavoucar com extraordinária disposição, em que pese a tremedeira que me punha nervoso.

A esta altura, eu nem mais duvidava de nada. Tinha quase certeza que ali se encontrava realmente enterrado um cabedal de

inestimável valor. A cavadeira foi rasgando a terra preta com dificuldade, abrindo uma cova de meio metro de diâmetro.

Irritava-me a lentidão com que aquele instrumento impróprio, feito de madeira, ia rasgando penosamente a terra. As sombras já cobriam o pico, quando descobri vestígios de carvão. Dizem que é sinal certo da existência de tesouro.

Um arrepio ainda mais forte perpassou-me o corpo, acompanhado de uma ânsia incrível quase um desmaio. Uma espécie de vertigem. Enxuguei o rosto com a mão. Descansei. Observei então que a bicharada olhava para mim com extrema simpatia, parecendo partilhar da minha emoção, da minha louca alegria.

Estava quase entregue de canseira e fraqueza, mas não desanimei. Fui cavando, retirando a terra com as mãos. Terra preta, por sorte quase sem pedras. Limitei-me a abrir um estreito buraco de dois palmos, a fim de poupar energias.

De repente, a cavadeira estralejou com ruído seco. Aquele ruído me cortou o coração. Ele me dizia que o dinheiro estava ali dentro da panela. Uma enorme panela de bronze.

Deitado de bruços, enfiei a mão pela abertura provocada pela cavadeira. Senti entre os dedos, tilintando, como que moedas. Agarrei duas. Eram duas onças. Levantei-me e corri para a casa. Agarrei o surrão de couro de veado e retornei ao local.

Deitei-me outra vez sobre a beira da cova e principiei a retirar barras de ouro, onças e libras esterlinas, que ia metendo na sacola aos punhados, sem contar.

Esgotado o recipiente, levantei-me. Ergui o surrão. Pesado, bem pesado. Uns dez quilos, pela certa. Carregando o portentoso tesouro às costas, recolhi-me à casa, a fim de tratar os bichos e preparar a minha janta.

A Fuga

Naquela noite, após a refeição, deitei-me logo, depois de haver novamente examinado todas as moedas e barras, à luz da cadeia. Deitei-me, mas não pude dormir. Quem haveria de dormir, se estivesse numa situação semelhante?

Aquele dinheiro, aquela montanha de ouro, que acabava de me aparecer ali como por artes mágicas, vinha dar cabo do meu sossego, da minha paz, da minha tranquilidade, no bucólico recanto da montanha.

Não tive mais ânimo para nada. Deu-me até vontade de largar tudo, abandonar a minha lida de pecuarista, de agricultor, de cozinheiro, de pedreiro. Aquilo até não prestava. Podia ser a minha perdição.

Cheguei a praguejar: Ouro maldito, tu ainda serás a minha desgraça! Sem o feitio de tua presença, eu vivia feliz nesta soledade, ao lado dos meus amigos irracionais. Agora, acabou-se a minha felicidade. Por tua causa, ouro maldito, estou perdendo até o sono, o sono tão precioso, indispensável à minha vida. Queira Deus que não perca também a minha alma.

Não podendo dormir, levantei-me. Tomei uns goles de leite. Lavei as mãos, os braços, o rosto. Tornei a deitar. Estava agora mais aliviado e entrei a refletir com mais calma, com mais acerto.

Algo misterioso estava acontecendo, com todo aquele estranho, episódio, o mais dramático acontecimento de toda a minha existência. De repente, já meio dormindo, pareceu-me ouvir uma voz longínqua que me dizia: Pedro, tu és jovem. Estás ainda na flor da idade. Moço vigoroso, temperado na mais austera provação. A vida ainda vai começar para ti. Vai começar agora, daqui por diante.

O ouro - continuou a misteriosa voz - todo esse dinheiro, Pedro, jazia há muito tempo escondido à tua espera. Sim, não te espantes: à tua espera. Esse dinheiro é teu. É fruto do teu suor, do teu sofrimento, do teu longo martírio! Com esse dinheiro, Pedro, edificarás o palácio encantado de teus sonhos. Com esse dinheiro, hás de executar um plano grandioso, de esplêndidas realizações, para o bem da humanidade.

Anda, Pedro, desce da montanha. Chega de solidão. Chega de isolamento. O teu campo de batalha já não é a montanha. É lá na planície. O tempo do teu noviciado, do teu estágio, findou. Agora é a luta em campo aberto. Parte, vai desempenhar tua missão entre as criaturas dotadas de razão. Deixa aqui teus amiguinhos, os seres irracionais...

* * *

Depois desta espécie de visão, adormeci e dormi profundamente. Dormi e tive outro sonho, outro sonho maravilhoso. Sonhei que Maria Helena estava me esperando para casar comigo. Sonhei que desci da montanha. Que fui rever meus pais e irmãos em Nova Treviso. A seguir, em Tubarão, onde pude realizar meu sonho de amor.

Acordei já sol alto, a bicharada berrando de fome. Eu estava feliz, bem eufórico. Sentia um bem-estar indizível, nunca experimentado. Fui logo examinar o ouro, à luz do sol, pois cheguei a desconfiar de que tudo fora um sonho.

Eu já conhecia onça e libra esterlina, mas nunca tive na mão uma barra de ouro, como essas que acabavam de cair do céu, embora as tivesse arrancado da terra. Sim, toda aquela montanha de ouro fora um presente do céu.

Ao tratar os animais, naquela manhã, uma seta de dor me varou o coração. Tão queridos aqueles meus inseparáveis companheiros da solidão, aqueles bons amiguinhos de todas as horas, as horas duras do meu exílio! Então eu teria agora de separar-me deles, separar-me para sempre?

Tomei o meu café, quero dizer, o meu leite com pão de milho, bolos e um pedaço de carne de tatu. Depois saí dirigindo-me ao local do deslizamento, por onde eu havia entrado no Realengo.

Com alegria, reparei que a vegetação havia crescido mais, após minha última visita ao local. Com algum tempo ainda, eu poderia descer da montanha até sem auxílio de corda.

Retornei ao rancho, fazendo cálculos. Lembrei-me de que se eu tivesse um laço comprido, poderia sair ainda naquele dia. Mas laço eu não tinha. Nunca havia fabricado um só laço.

Fiquei pensando: Para fabricar um laço, eu precisaria de um ou mais couros de vaca. Tendo o material, o resto é fácil. Com a faca, a minha providencial faca que tantos galhos quebrara, poderia fabricar um laço.

Mas a rês? Deveria matar uma rês. Ora por que não? Aquelle lote de gado era meu. Com minha fuga do monte, ficaria sem dono, porque o fazendeiro ainda iria demorar para subir ali. Então eu não poderia matar o boi? O rebanho, em vez de decrescer, havia aumentado.

Resolvi então matar um boi. Aproveitaria a carne para mim e para os suínos. Hesitei uns dias, enquanto refletia ponderadamente sobre o que eu estava para realizar. Por fim, cheguei à conclusão de que devia mesmo apelar para este expediente. Não havia outro recurso.

* * *

Colhi uma parte do milho e deixei que o gado invadisse a lavoura, para devorar o resto. Com um pequeno laço de couro de veado, enquanto o rebanho comia o milho da roça, peguei um boi e amarrei-o a um palanque da cerca.

Tive pena de matar aquele lindo animal, um enorme boi franqueiro, de grandes aspas. Enfim, armei-me de coragem e cravei a faca no flanco esquerdo, atingindo-lhe o coração. Deu um forte berro e caiu, com espanto de toda a bicharada.

Destripei-o, atirando as vísceras aos suínos, que se regalaram por horas e horas. Fui tirando o couro, que estaqueei ao sol. Peguei os quartos, o matambre, o lombo, o colchão-de-dentro. Espetei enormes pedaços de carne. Preparei uma fogueira e fiz um churrasco, assando assim muita carne, para que durasse mais. Uns pedaços cozinhei e guardei na banha, dentro de terrinas.

Os guaraxains, os caranchos e os urubus tiveram igualmente o seu banquete, um farto banquete, pois sobrou muita carne no esqueleto, que arrastei para longe.

Enquanto, por alguns dias, o couro secava ao sol, continuei minha lida ordenária: Tirar leite, fabricar manteiga, queijo, pão, bolos, canjica. Reservava sempre o duro trabalho de moer farinha no pilão para os dias de neblina, quando não podia sair para outras ocupações fora de casa.

Todos os dias contava as moedas, as barras, as libras esterlinas. Não havia perigo de assaltantes e ladrões. Ninguém estava tão a salvo de assaltos como eu. Guardava o surrão, com o dinheiro dentro, ao pé da imagem de Nossa Senhora. Que ela abençoasse aquele tesouro.

Eu gostava de fazer planos para o futuro. Com aquele dinheiro, eu recuperava o tempo perdido, perdido para meus pais, para o colégio. Que alegria daria aos meus pais, irmãos, com os quais eu já havia deter minado repartir todo aquele montão de dinheiro. Pagaria com juros altos o prejuízo que lhes causei com a minha fuga para o monte.

E a Maria Helena, então, como não ficará feliz, ao ver-me regressar são e salvo e cheio de dinheiro! Ela que decerto me julgara morto... Será que ela ainda estará me esperando? Ela jurou que esperaria por mim durante anos e não casaria com mais ninguém...

Convencido de que as coisas haviam de ocorrer às mil maravilhas, eu ficava horas imaginando meu futuro. Teria dinheiro para edificar o palácio encantado dos meus sonhos. Dinheiro para principiar a vida entre os homens. Para vencer.

Reconhecendo que eu havia sido protegido e abençoado, em que pese toda a perseguição que sofri, em que pese o sofrimento do exílio na montanha, inteiramente segregado dos homens, tomei desde já a resolução de praticar o bem, de combater as injustiças, a maldade, tudo aquilo que fizera de mim um trapo humano, vivendo entre bichos...

* * *

O couro secou. Com a faca tirei o pelo. Trabalho demorado e paciente, que absorveu um dia inteiro e parte da noite. A seguir, principiei a cortar o couro, tirando um tento só, comprido, cortando a pele toda em redor, sempre em redor, estreitando cada vez mais o círculo.

Findo este serviço, observei que aquela tira seria insuficiente para formar o laço que precisava. Nem falar em descer a montanha fiado apenas naquela tira de couro. Era necessário outro laço. Pelo menos dois tentos trançados.

Conclui que deveria sacrificar outro boi. Seria mais uma trabalhadeira incrível, porém indispensável. E não poderia ser executada imediatamente, porque eu ainda dispunha de muita carne do primeiro boi.

O tempo foi passando. Dias quentes de verão. As aves pondo ovos, chocando, criando ninhadas. Nasceu mais um veadinho e nasceram cinco porcos-do-mato, que eu soltei. Apesar de soltos, bichos e aves, retornavam ao entardecer. Vinham para junto de mim em busca de milho.

As vacas também deram cria, aumentando o rebanho. O proprietário daquele campo e daquele gado, dentro de mais algum tempo, logo que a vegetação cobrisse a ladeira aberta pelo alude, ficaria vibrando, ao ver que seu rebanho ainda lá se encontrava, gordo e numeroso.

No mês de fevereiro, matei o segundo boi. Tive outra decepção, porque ainda não dispunha de tiras suficientes para o meu laço. Então, em fins de março, sacrifiquei outra rês.

Agora trançei o laço com dois tentos, a fim de poupar material. Saiu um laço comprido. Desta vez me convenci da viabilidade da minha aventura em descer o costão do Realengo agarrado naquele laço.

Por via das dúvidas, realizei uma experiência. Amarrei uma extremidade do laço a um tronco de árvore, junto do lugar escolhido para a descida, o mesmo onde ocorreu a minha entrada na prisão da montanha. Agarrei-me ao laço e comecei a descer de costas, firmando-me à rocha rijamente com os pés. Desci uns dez metros e retomei ao ponto de partida, tranquilamente.

Tudo certo. Não havia problema algum. O caminho encontrava-se aberto para a minha descida do Realengo, para a minha fuga daquela prisão. Observei que a vegetação, o mato, lá embaixo, subira bastante, encurtando assim o caminho da descida.

* * *

Retornei à casinha. Almocei um tanto agitado. Era a última refeição na montanha, onde nunca me faltara alimento. Montanha de prodigiosas bênçãos, montanha de fartura, de maravilhas. Ao sentar-me à mesa, a custo reprimi as lágrimas.

Era com profundo sentimento de dor que eu lançava o derradeiro olhar para as vasilhas que eu fabricara e que tanto me haviam servido. AS panelas de barro, os pratos, a gamela, o pilão, os balaies, com que transportara tanto milho para dentro de casa, com os quais eu tratava as aves, os animais.

Finda a refeição, vesti a pele de onça, agora mais alinhada, pois eu havia costurado as duas peles, formando uma linda indumentária, com a qual iria me apresentar diante dos homens.

Agarrei o surrão de couro, contendo as moedas. Coloquei dentro pão, queijo, carne assada, carne frita. Era o farnel para a viagem. Retirei do nicho a imagem da Santíssima Virgem, dei-lhe um beijo e coloquei-a à boca do surrão, deixando aparecer a cabeça.

Enrolei, com o pelo por dentro, a pele de onça, o tapete da Maria Helena. Amarrei com uma tira de couro de veado, formando uma alça pura prender ao ombro.

Em seguida, na tabuleta em que gravara a data da minha chegada no cimo do Realengo, assinalei outra data, a data da minha partida da montanha: 13-5-1919⁷.

Abri a portinhola do viveiro das pombas e inhambus, para que estas aves também deixassem o cativo como eu. Elas igualmente deixavam de ser prisioneiras.

Abracei a vaca leiteira, que pastava perto, ao lado do seu terneiro. Olhei para as outras reses, criadas sob meus cuidados, que agora viveriam na montanha como rebanho sem pastor.

Entrei pela última vez na casa edificada por mim. Senti um baque no coração ao dizer adeus à cozinha, a salinha, ao quarto de dormir, ao galpãozinho, ao depósito de milho... A tudo eu dizia adeus para todo o sempre. Tudo eu deixava ao abandono, à mercê do gado, das aves, dos bichos.

Quando pus o surrão às costas e dei o primeiro passo, o papagaio correu para mim e trepou no meu ombro. As aves, todas as aves, as cabras, os coatis, como se pressentissem a desgraça que os aguardava, com a perda do seu chefe, agruparam-se ao meu redor.

Olhei para a bicharada com profunda emoção. Quase a chorar, falei: Adeus. Adeus, meus bons amiguinhos! Muito obrigado pela vossa afetuosa companhia, que tanto alegrou os anos do meu exílio. Eu vou partir para longe, para casa de- meus pais, a fim de

⁷ O autor, muito devoto de N.S. de Fátima, enquanto viveu na cidade o Porto, teve oportunidade de conhecer a Ir. Lúcia, uma dos três pastorinhos. Fidélis conheceu Tadin, o autor da linda imagem esculpida em madeira que se tornou retrato da descrição dos videntes. E aqui um pormenor curioso, que poucos sabem: “Foi o Fidélis que encomendou a famosa Imagem de Fátima (das pombinhas) dos Missionários Capuchinhos, a pedido do Frei Bernardino Vian. Os dois, depois de cinco anos em Portugal, ao retornarem de navio ao Brasil, aportaram primeiro em Recife. No Porto os guardas alfandegários reteram duas pequenas imagens, alegando não apresentarem notas de quisição. Daí, antes que fosse retida também a imagem maior, Frei Bernardino, ajudado por um grupo de senhoras devotas, organizou uma improvisada procissão, portando a imagem e cantando: “*Louvando Maria*”... Graças a esse artil a famosa imagem foi salva, tornando-se a imagem peregrina dos Missionários Capuchinhos.

cumprir outra missão. Vós ficai por aqui a cantar as maravilhas do Senhor, a louvar o vosso Criador. Adeus, queridos amiguinhos!

Fui andando em direção da beira do despenhadeiro, onde já se encontrava o laço pronto para a descida. Os veados, os coatis, as aves, os tatetos, correndo e pulando, seguiram meus passos. Parecia um bando de crianças. Era uma solene e carinhosa despedida. Despedida do velho patrão e amigo...

Era meio-dia. Principiei a descer lentamente o costão, agarrado ao laço. Surrão dependurado no ombro. No outro, o papagaio e o rolo de pele de onça, o prometido tapete da minha namorada. Fui descendo, descendo, firmando-me com os pés, descendo de costas lentamente.

Lá em cima, as aves e os bichos, na beirada do precipício, contemplavam a minha descida e gemiam inquietos, com vontade de saltar, de me seguir. Enquanto isso, o papagaio, no meu ombro, falava, falava, barulhento e festivo, repetindo muitas vezes: Maria Helena, Maria Helena!

A meio caminho do costão, noto que as aves levantam voo e vêm descendo, passando ao meu lado, cacarejando, para desaparecer lá em baixo, na mata.

Eu estava com medo de não alcançar as árvores, com medo de que o laço fosse curto. Felizmente, daí a pouco, senti com os pés as pontas do arvoredo. Mergulhei no meio da folhagem e me agarrei nos galhos, para, em seguida, deslizar até o solo. Caí de joelhos. Beije o chão. Ergui as mãos para o céu e rezei, comovido: Muito obrigado, Senhor!

Em Casa

Fui descendo o resto da encosta, até atingir a estrada da Serra do Pilão. O mesmo íngreme, sinuoso e pedrento caminho trilhado outrora por mim em sentido contrário.

Acostumado a viver no descampado, de horizontes sem fim, eu achava agora tão estranho aquele sombrio desfiladeiro, aquelas soturnas gargantas, do fundo das quais mal divisava uma nesga de céu acima da cabeça.

Preocupava-me um virtual encontro com algum tropeiro, que certamente levaria um grande susto, ao ver a minha figura exótica, de barbas e cabelos desmesuradamente compridos e desalinados, trajando pele de tigre, papagaio no ombro, surrão às costas.

Pois, em dado momento, não é que ouço gritos de gente tocando a tropa? Senti ímpetos de me esconder. Mas de esconder-me onde? O caminho vinha ali tão estreito e apertado entre paredões e precipícios, que era impossível qualquer tentativa de ocultar-me.

Daí a pouco, vi três mulas carregadas, e, atrás delas, o tropeiro. Encolhi-me contra os paredões, à beira da estrada, abrindo caminho aos animais, que passaram soltando fortes assoprões, aterrorizados diante daquele espantalho vivo.

O tropeiro, sofrenando a montaria, parou, assustado, enquanto eu experimentava estranha sensação diante da figura humana, que durante anos não via.

- Quem é? - perguntou o tropeiro, com voz e fisionomia que denunciavam assombro.

- Não se assuste, amigo! - respondi. - Não se admire. É que estive anos perdido, sozinho, preso no alto desta montanha.

- Ah, então era você que parava lá no alto do Realengo?

- Sim, senhor. Mas como sabia que eu morava lá?

- Todo mundo sabia que lá em cima morava um homem que não podia descer. Lá nos campos do Silveira, de Bom Jesus, nós sempre notávamos a fumaça, víamos a casinha e uma pessoa. Mas como conseguiu descer, homem?

- Fiz um laço comprido e desci agarrado nele.

Narrei depois ao tropeiro algumas passagens de minha vida, as peripécias sofridas, as caçadas, as onças de cuja pele eu andava vestido. Ao despedir-me, fiquei considerando como era linda a voz humana, eu que só ouvia a voz fanhosa e atrapalhada do papagaio.

Andei dez quilômetros, sempre descendo, bruscamente, por vezei caindo, escorregando nas pedras soltas. Cheguei por fim ao praial, o leito seco do rio Manuel Alves, todo coberto de seixos roliços, troncos e raigões. Tão diferente de quando eu subira a serra, naquele tempo de tanta chuva, o rio transbordando.

Daí a pouco, topei com a primeira moradia, ao sopé dos montes. Era uma casa de pasto, para atendimento dos tropeiros. Vendo ali laranjeiras carregadas de frutas, senti uma vontade louca de comer alguma. A proprietária, depois de se inteirar da minha dramática história, convidou-me a entrar em casa para fazer uma refeição.

- Muito obrigado - respondi. - Aceito apenas umas laranjas. Estou louco de saudades. Faz tanto tempo que não saboreio uma sequer.

Em Três Barras, revi amigos que me haviam dado refeição por ocasião da minha ida para o Rio Grande do Sul. Todos ficavam admirados com a minha história, que a extravagante indumentária comprova plenamente.

Alguns prontificaram-se a fornecer-me roupa, para que eu andasse vestido como gente civilizada.

- Não, muito obrigado - agradecia eu. - Quero chegar em

casa de meus pais neste traje. De outra forma, podem não acreditar na minha fantástica história.

* * *

Narrando meu drama vivido a quantos encontrava, eu omitia sempre, cuidadosamente, o sonho e a descoberta da panela de ouro. Aliás, poderia me complicar e até vir a ser assaltado.

Andando meu caminho de retorno, eu observava o progresso operado pelos colonos de origem italiana, em toda a região. A paisagem estava modificada. Novas moradias, ao longo da estrada. Novas casas comerciais. Dos índios já ninguém mais falava, assim como das onças.

Os povoados da Sanga do Engenho, Forquilha, Mãe Luzia, Nova Veneza e Beluno, haviam crescido consideravelmente. Em Beluno, a atual Siderópolis, foi onde tive uma grande surpresa. Vi pela primeira vez o automóvel. O automóvel que principiava a aparecer por ali.

Pelo caminho, eu vinha estudando um meio de me apresentar à família de surpresa, disfarçadamente. Chegaria como mendigo, a pedir comida e pouso. Mas, ao rever o pai, a mãe, os manos, após longa ausência reprimiria a emoção, as lágrimas?

Enfim, eis-me em Treviso. O lugarejo apresentava aspecto diferente, com novas construções, novas ruas. A nossa casa havia sido demolida, e a nova fora construída em outro lugar.

Fui pedindo informações, causando enorme espanto. Toda a população alvorotou-se. As crianças fugiam, chorando, ao ver aquele fantasma, vestido de pele de tigre, chapéu de couro, barba e cabelos compridos, pesado surrão às costas, dele emergindo a cabeça de uma imagem da Santíssima Virgem, dando a impressão de ser eu um monge, um profeta como João Maria.

Depois de informado acerca da casa dos meus, dirigi-me para lá. Minha irmã Isabel, ao ver-me, entrou em casa e fechou a

porta precipitadamente. Bati. Bati. Quem veio atender foi minha mãe, modestamente vestida, de avental, lenço na cabeça, o espanto estampado nos olhos e na face.

- Quem é? - perguntou, um tanto brusca.

- Um pobre mendigo, cansado e com fome. Desejava que me deixasse entrar para descansar e comer um pedaço de pão. É uma esmola por amor de Deus.

Pronunciei as palavras titubeando, a voz trêmula, quase em soluços.

- Pode entrar - respondeu a mãe, de má vontade.

Entrei. Levantei os olhos e fitei de novo aquele rosto materno, que agora me parecia tão lindo. Um mundo de recordações surgiu de tropel dentro de mim. O carinho, a solicitude, a ternura, o amor entranhado com que sempre me tratava, a mim que era o seu primogênito querido...

Era tudo muito forte, demais para um filho que voltava de longe, depois de tantos anos de ausência, depois de tantas peripécias. Não pude continuar o disfarce. Não resisti. E, com a voz embargada pelo pranto, abrindo os braços, exclamei, erguendo a voz:

- Mãe querida, eu sou Pedro!...

Ela, que logo, ao ver meus olhos azuis-claros, meu cabelo loiro, tão semelhantes aos do seu primeiro filho, que supunha morto, tivera certa desconfiança e um vago pressentimento, mas não acreditando diante da triste figura, atirou-se aos meus braços, dizendo:

- Pedro, o meu filho querido!...

Abraçamo-nos, mãe e filho, apertadamente, longamente, chorando. Chorando ela e chorando eu. De emoção, de alegria.

- O meu filho querido, que há tanto tempo desaparecera de casa.

- Vejam em que estado os bugres o deixaram.

- Não, mãe, não foram os bugres. Não foram os bugres não. Não foi ninguém. Estou assim desfigurado, vestido de peles, mas tive sorte.

- Sim, filho, muita sorte. Nós tínhamos certeza de que você estava morto...

O papagaio, que vinha no meu ombro, não gostou daquela cena de amor. Parecia que tinha ciúme. Tratou de meter o bico na mão da mãe. Eu agarrei-o, entregando-o à minha irmãzinha Beatriz. A Beatriz, que logo saiu correndo a chamar o pai e os irmãos, que chegaram dentro de poucos minutos.

* * *

Enxutas as lágrimas, sentamos. A mãe serviu-me logo um gostoso café, que eu saboreei com enorme disposição, pois vinha esfomeado e louco de saudade de café, depois de tanto tempo de sua ausência em minha mesa.

- Como é gostoso o seu café, mãe! Lembra-se o último que a senhora me serviu?

- Se me lembro, filho! Pobrezinho! Todos nós o julgávamos morto pelos bugres ou devorado pelo tigre. Mandamos até celebrar missa pelo descanso de tua alma, Pedro.

- Não foi em vão, mãe. Deus ouviu as vossas preces. O Senhor foi muito bom para comigo.

- Mas como foi, Pedro? Conte.

O pai e os irmãos já haviam chegado e me abraçado chorando. Aí eu principiei a narrar a minha história, no meio de um silêncio impressionante. A família vibrava. Por vezes, todos riam com algo interessante que eu contava.

Antes de tocar no assunto do sonho e da panela de ouro, levantei-me, agarrei o surrão. Coloquei sobre a mesa. Retirei a pequena imagem de Nossa Senhora, dei-lhe um beijo e falei:

- Esta imagem fui eu que a esculpi, logo nos primeiros dias da minha vida na montanha. Ficou todo o tempo num altarzinho, a um canto da casa, sempre enfeitada de flores silvestres. Diante dela eu fazia minhas orações, entoava algum cântico. Nossa Senhora, por sua vez, nunca deixou de me abençoar. Por isso, eu quero levar esta imagem sempre comigo, por toda a vida.

Depois, agarrei o surrão dizendo:

- E agora, uma surpresa!

Todos arregalaram os olhos.

- Que é, filho? — Perguntou o pai, curioso.

- Pai, para compensar os dissabores que lhe causei, para compensar o prejuízo que minha longa ausência trouxe, aqui vos trago este dinheiro. Dinheiro que também servirá para resolver o meu futuro.

Abri o surrão, e aquela montanha de ouro brilhou, acendendo um clarão nos olhos de todos.

- Que é isso, Pedro?! Ouro?! - Perguntou outra vez o pai.

- Sim, ouro, pai. Muito ouro. Vejam aqui. São barras de ouro. São onças. São libras esterlinas. Uns dez quilos de ouro.

Contei então o sonho e a descoberta daquele tesouro.

Durante muito tempo, a família divertiu-se, manuseando e contando as onças, as libras e as barras de ouro. Por fim, desdobrei a pele de onça, esclarecendo:

- Eu havia prometido a Maria Helena um tapete de pele de tigre caçado por mim. Não foi fácil. Demorei bastante, mas enfim consegui caçar o tigre. E será que a Maria Helena ainda está me esperando?

- Está, sim, Pedro - responderam todos em coro.

- Mas ela ainda não casou?

- Não casou. Está solteira, à tua espera, Pedro.

Eu soltei um grito, dei um pulo de alegria e abracei a todos. A seguir, o pai foi dizendo:

- Seis meses depois que você fugiu, Pedro, desvendou-se o mistério do crime de que você fora acusado. Apareceu o assassino. Todo mundo ficou então sabendo da tua inocência e da tua fuga para o mato.

- Graças a Deus! E depois, pai?

- Maria Helena ficou tão indignada contra Hélio, ficou com tanta pena de você, que jurou solenemente que só casaria, com você. Com você ou então solteira toda a vida. Ela cumpriu a promessa. Está à tua espera.

- Ah, pai, me dá vontade de correr logo para Tubarão e apresentar-me a ela e a sua família assim como estou.

- Não, Pedro. Por amor de Deus! Ela, não iria reconhecer você, e, além disso, levaria um grande susto.

- Mas então eu quero que me tirem uma fotografia para mostrar a ela.

- Isso mesmo, Pedro. Nós todos vamos tirar junto.

- Ótimo! Amanhã irei a Tubarão.

- Que é isso, Pedro? Nem falar. Pra que tanta pressa? Fique aqui conosco muitos dias. Vamos celebrar juntos, festivamente, a tua volta à casa paterna, como se fosse à volta do Filho Pródigo. Vamos mandar celebrar missa em ação de graças. Todo mundo aqui vai tomar parte da nossa alegria.

- Está bem, pai. Acontece que eu estou morto de saudade de Tubarão.

- De Tubarão ou de Maria Helena? A resposta foi uma risada geral.

Prisioneiro do Amor

A notícia da minha volta correu rápida por Treviso e seus arredores, causando enorme sensação e curiosidade. Para a missa de ação de graças e a festa que os pais e a família me ofereceram, acorreu gente da Urussanga, Orleães, Grão Pará, Lauro Müller, Pedras Grandes, Nova Veneza, Beluno, Morro da Fumaça...

Todos queriam ver, como diziam, o épico rapaz que viveira tão bela aventura no alto da montanha. Queriam ver-me assim como chegara, naquele traje extravagante, longas barbas, imensa cabeleira...

Por isso, diante da insistência, eu conservei a rude indumentária por vários dias. Assim vestido, fotografei-me sozinho, fotografei-me com a família, com os parentes, com os amigos.

Na véspera do dia da festa, cortei a barba e o cabelo. Vesti elegante terno de casemira, gravata, sapatos, chapéu, tudo no rigor da moda. Mas toda a multidão queria mesmo ver a fotografia, para ficar sabendo como eu estava quando cheguei em Nova Treviso.

Terça-feira, dois dias após a festa, ao despedir-me da família, chamei o pai, a mãe e os irmãos. Todos estavam reunidos na sala. Eu agarrei o surrão com o ouro e falei:

- Aqui vos deixo a metade do dinheiro em ouro que Deus me mandou. Como já vos disse, é uma recompensa. Quero dizer, uma compensação pela minha ausência, pelo trabalho que eu poderia ter feito por vós e não fiz...

Todos me abraçaram, emocionadíssimos. A mãe e as irmãs choravam.

- Muito obrigado, filho! - exclamou o pai, abraçando-me ou-

tra vez. - Muito obrigado, mano! Muito obrigado, Pedro! - Todos iam repetindo, enquanto me abraçavam.

Deixei ainda à família o meu papagaio, o meu querido companheiro de exílio, que a todos divertia, repetindo o meu nome e o de Maria Helena.

A família guardou ainda, como relíquia, a pele de onça que servia de vestuário. Deixei também o surrão e o chapéu de couro, fabricado por mim e que eu usava em dias de chuva, neve e sol.

* * *

Tubarão havia sofrido expressiva transformação. Novos edifícios, novas casas comerciais, novas ruas, novas indústrias.

Chegando, meti-me logo pela Rua Debaixo, hoje Lauro Müller, que corre ao longo do rio Tubarão. Colhi informações acerca da moradia de Inácio Camargo, o pai de Maria Helena.

Sem dar-me a conhecer a ninguém, fui correndo para a casa nova da família Camargo. Era um elegante palacete, no meio de um jardim florido de rosas em profusão.

Quem me recebeu foi a empregada.

- O Seu Camargo, por favor.

- Está trabalhando na repartição.

- E Maria Helena?

- Ela trabalha com o pai. Está a mãe dela. Quer falar com ela?

- Quero, por favor.

D. Maria da Glória surgiu logo à porta, com seu ar de nobreza, alegre, sorridente, como outrora. Era a mesma em tudo. Nenhum sinal de envelhecimento. Reconheci-a imediatamente.

- Como vai, D. Maria da Glória? A senhora não me conhece mais?

- Não, não me lembro.

- Eu sou Pedro, Pedro Uliana.
- Não é possível! O namorado da Maria Helena?
- Exatamente.
- Que surpresa, Pedro! Como vai? Entre.

Abraçamo-nos. Ela não conteve as lágrimas. Fomos entrando em casa, ricamente mobiliada, nas paredes quadros de famosos pintores. Logo apareceram Maria de Lourdes e Maria da Graça, irmãs de Maria Helena, que me abraçaram apertadamente, proferindo exclamações de admiração.

- Teresa, - ordenou Maria da Glória - vá correndo chamar o Seu Inácio e a Lena. Diga-lhes que chegou o Pedro, o namorado da Maria Helena.

Ao sentarmos, D. Maria da Glória foi dizendo:

- Mas que surpresa, hein, Pedro? Quem diria? Todo mundo dava você por morto. Afirmavam que você tinha sido trucidado pelos bugres. Então, como foi?

- Olhe, D. Maria da Glória, a história é muito comprida, sabe?

- Depois eu conto. Agora eu desejo saber da Maria Helena. Como vai ela?

- Vai bem, obrigada. Ela, como você pode imaginar, nunca mais namorou ninguém, embora tivesse vários pretendentes. Ela sempre se desculpava dizendo que estava comprometida. Vivia pensando em você, Pedro. Rezava para que você voltasse. Ela tinha certeza que você voltaria. Não podia se convencer de que você teria sido morto pelos bugres, conforme se comentava.

E a nossa conversa ali na sala se prolongou até que chegaram o Seu Inácio e a filha. A Maria Helena veio na frente, correndo. Entrando em casa, atirou-se furiosamente aos meus braços.

- Pedro, meu bem! Até que enfim, querido!

- Pois é, Lena. Eu não disse que voltaria?

- Sim, Pedro, nunca duvidei.

- Tanto tempo, não é, Seu Inácio – falei ao pai dela, enquanto o abraçava.

- Pois é, Pedro. Aquela tua brincadeira, aquela tua louca vontade de ir morar numa ilha deserta, parece que tudo acabou dando certo, não é? Como foi?

- Pois é, agora eu vou contar. É uma história muito comprida. Deu quase tudo certo, conforme eu desejava.

- Será que deu tudo certo, Pedro? – perguntou Maria Helena, desconfiada.

- Então que é que pode estar errado, meu amor?

- Você me prometeu um presento. Lembra-se?

- Que presente?

- O tapete.

- A pele de onça?

- Claro.

- Quer ver?

- Não diga, Pedro. Trouxe mesmo?

- Já vai ver.

- Abri a mala. Retirei a pele dobrada. Desdobrei e entreguei, triunfante:

- Aqui está, meu bem.

- Que linda! Mas foi você mesmo que matou a onça?

- Fui eu claro! Matei esta e matei outra. Levei tempo, mas sempre consegui. Eu não podia voltar sem trazer a pele prometida.

- Muito obrigado, Pedro. Você é formidável! Quando diz que faz, faz mesmo. Gosto de tua personalidade.

Tomamos um bom café, todos juntos. Depois, sentados naquela ampla sala, principiei a desenrolar minha história, que absorveu o resto da tarde e parte da noite.

Em meio ao silêncio com que todos escutavam minha aventura, Maria da Glória, a certa altura, ficou pensativa e perguntou:

- Pedro, aquela montanha chama-se Realengo?

- Pois foi o tropeiro que encontrei na estrada da Serra do Pilão que me disse. Eu antes não sabia.

- Escute, Pedro. Você não sabe quem é que invernava lá no Realengo?

- Um estancieiro gaúcho.

- Não sabes o nome dele?

- Não sei, D. Maria da Glória. Não perguntei ao tropeiro.

- O gado não tinha marca?

- Tinha, sim. Tinha as letras A R.

- Exatamente. Antônio Ribeiro era meu tio. Morava nos campos de Bom Jesus, no Silveira, nas proximidades do Realengo. Decerto eram seus filhos que invernavam lá naquela montanha.

- Quem sabe? Pode ser, não é?

- Eu até me lembro dele. Vi-o quando era pequena. Era um homem forte. Moreno, estatura mediana. Tinha uma cicatriz na face direita. Levou uma flechada dos bugres. Muito rico. Dizem que enterrou um grande tesouro num de seus campos.

- Eu sorri satisfeito, concluindo que o gaúcho do sonho seria realmente o tio da minha futura sogra. O dinheiro enterrado tinha endereço certo. Acabaria indo às mãos dos seus legítimos herdeiros.

- Eu não disse nada a respeito. Fui narrando minha vida na montanha, as caçadas, a lida de pecuarista, de oleiro, de artesão, as maravilhas da natureza...

- E você quase não gosta dessa vida, não é, Pedro? Era Maria Helena que me interrompia.

- Sabe, Maria Helena, - respondi - foi justamente o meu amor apaixonado pelas aventuras que me deu sorte.

- Que sorte, Pedro? Você só teve sofrimento. Andou perdendo tempo. Deixou de estudar.

- Não, meu bem. Eu não deixei de estudar. Eu frequentei a melhor escola do mundo. A natureza, a montanha, ministraram-me as mais belas lições.

- Pode ser. Mas perdeu seu tempo. Não ganhou nada.

- Como não ganhei? Ganhei milhões, meu bem. Milhões. Então você ainda não sabe que eu voltei milionário? Estamos ricos, Lena! - exclamei, levantando-me e dando-lhe um grande abraço.

- Sim, senhores. Estamos ricos. Nós somos milionários, sabe, Seu Inácio.

- Deixe de brincadeiras, Pedro - pediu o pai de Maria Helena.

Você diz isso, porque encontrou a minha filha solteira, não é?

- Não, Seu Inácio. Eu não estou brincando. Estou falando sério. Voltei rico. Querem ver? Deixem contar o resto da história.

- Estamos curiosos.

Narrei então o sonho. Descrevi o estancieiro gaúcho que me apareceu no sonho. Foi quando todos reconheceram que se tratava do tio da Maria da Glória.

- E onde está o dinheiro? — perguntou Maria Helena.

- Já vou mostrar.

Agarrei a mala. Abri e retirei a imagem de Nossa Senhora, dizendo:

- Esta imagem fui eu que a esculpi.

- Mas é feia, Pedro! - declarou Maria Helena.

- É bonita! - respondi. - Não despreze. Fui eu que a fiz. Nossa Senhora sempre me abençoou, sempre me ajudou. Quero guardar esta imagem a vida inteira.

- Escute, Pedro, - insistiu o Seu Inácio - mas e o dinheiro?

- O dinheiro, o ouro, Seu Inácio, eu deixei a metade, para minha família, que era pobre como sabem. O resto está aqui.

- Quero ver, Pedro,- exclamou Maria Helena, aproximando-se de mim.

- Está aqui - disse eu, colocando a sacola em cima da mesa e despejando todo o seu conteúdo, tinindo e brilhando... Foi uma explosão de exclamações. Todos batiam palmas. Pulavam. Todos me abraçaram, me beijaram. Aí eu falei:

- Viu, Lena? Se eu não fosse um aventureiro, se não tivesse ido parar na montanha, encerrar-me naquela prisão durante tanto tempo, não teria encontrado o tesouro escondido do tio da tua mãe, tesouro do qual nós somos os legítimos herdeiros.

- É verdade, Pedro! Você é extraordinário! Como você não existe outro no mundo. Você é mesmo legal! Viva!

- Não foi por nada que eu sofri. Minha vida de isolamento, todo o sacrifício que fiz, nada ficou sem recompensa. Apesar do meu longo martírio, por ver-me longe de você, Maria Helena, tudo ocorreu de maneira providencial e misteriosa, a fim de que eu me preparasse para a vida, tendo também os recursos indispensáveis para construir o palácio encantado dos nossos sonhos...

- O mais belo palácio, Pedro! Enfeitado com tapete de pele de onça caçada por você. Palácio abençoado por essa imagem de Nossa Senhora que você esculpiu. Já temos tudo, não é? Falta alguma coisa, meu bem?

- Não falta mais nada. Agora podemos casar.

- Então vamos.

E foi assim que eu, nascido sob o signo da prisão, prisioneiro dos homens e prisioneiro da montanha, acabei prisioneiro do amor.

O casamento realizou-se na capela do Colégio São José, escola que nos ensinou a viver e a amar.

Foi um dos casamentos mais solenes de Tubarão, não só porque demoramos tanto, mas sobretudo por causa da minha prisão e da minha aventura.

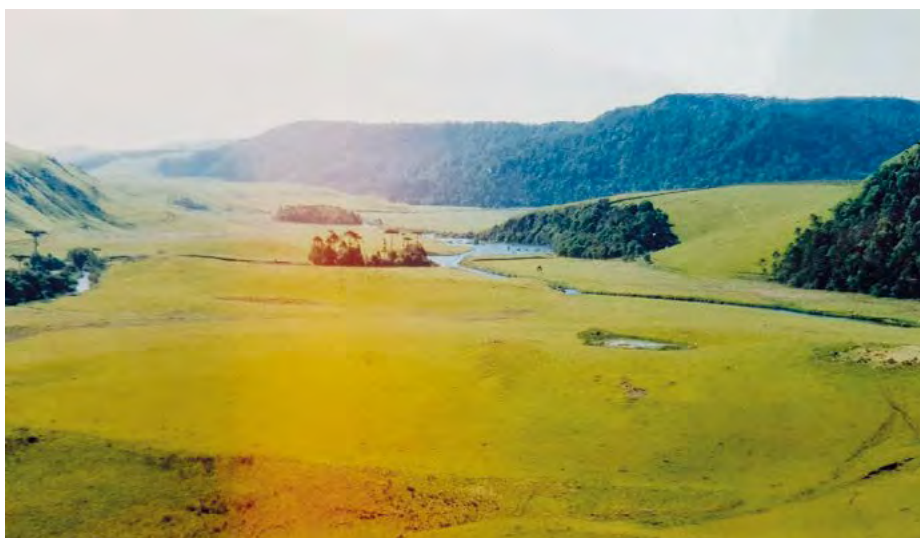
O vigário fez um comovente sermão, dizendo que nós éramos pessoas destinadas a realizar missão importante no mundo. Éramos como dois heróis que retornavam do campo de batalha, vitoriosos, cobertos de louros, e que, agora, diante do altar, acabávamos de ser armados cavaleiros para uma nova cruzada.

Fim

A seguir algumas belas paisagens dos campos de São José dos Ausentes e outros lugares que merecem ser visitados pelos admiradores da mãe natureza:



Montenegro, o ponto mais alto do Rio Grande do Sul – 1.405 m



Um pouco além de Silveira, distrito de São José dos Ausentes



“Rios em desnível” 18 m – a Pousada Fazenda Potreirinhos aproveitou para produzir energia



Mangueirão construído no tempo das Missões Jesuíticas¹- interior de Silveira

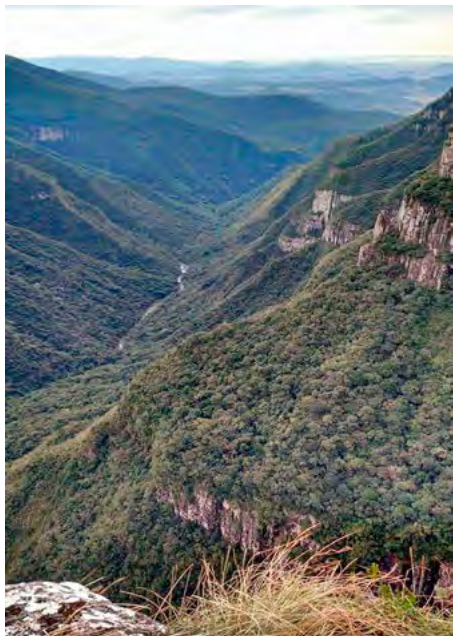
¹ Ou por tropeiros de Sorocaba, segundo outros.



Uma das famosas taipas construídas pelos primeiros moradores do interior de Ausetes



Visão do Realengo desde o “Chiqueirão”:
3 mil ha ligados por estreita faixa de terra.



Paisagens surpreendentes dos Aparados da Serra – interior de Cambará do Sul



O Cânion do Itaimbezinho
o mais conhecido e visitado anualmente por milhares de turistas.



Fotos de dez/1987, a caminho do Realengo,
guiados pelo colega Pedriomar Ramos e outros,



Aline Trindade Ramos, a do meio, então, com 9 anos de idade,
hoje secretaria de Turismo de São José dos Ausentes

Empreendimentos turísticos **em Morro Grande-SC**



RESTAURANTE LONGARETTI

Na comunidade de Três Barras, comida típica com churrasco, passeio de trator aos pontos turísticos, como Furnas e cachoeiras, trilhas com guia pela serra do Pilão até o Pico do Realengo e serra gaúcha.

Fone: (48) 3544.0050 / 9 9853.3575

PRIMA BODEGA RESTORANTE

Na comunidade de Nova Roma, comida típica italiana e tabuas e pizzas.

Fone: (48) 9 9179.4809 / 3544.9043

POUSADA SALTINHO

Na comunidade de Saltinho, Casas para aluguel, trilhas, rios, campo de futebol, Café colonial.

Fone: (48) 9 9981.0599 / 9 9933.1022 / 9 9812.0103

POUSADA RANCHO FUNDO

Na comunidade de Três Barras, com trilhas e cachoeiras.

Fone: (48) 3544.0078

LA DOLCE VITA PRODUTOS COLONIAS

Na comunidade de Sanga das Pedras, produtos de panificação e doces artesanais e serve café colonial.

Fone: (48) 3537.9042 / 9 9906.0312

DOCES E BISCOITOS ARTESANAIS DA BARBARA

Na comunidade de Sanga das Pedras, doces e biscoitos artesanais

Fone: (48) 3544.0009 / 9 9935.8366

Contato Prefeitura de Morro Grande

Fone: (48) 3544.0034 / 9 9663.9585

Eder L. Dal Toé. ederdaltoe@hotmail.com

No interior de São José dos Ausentes existem belas e acolhedoras pousadas para abrigar os apreciadores da beleza dos campos rio-grandenses, como:



Pousada Fazenda Montenegro 42 km – Fone: (54) 9 9978.2299



Sítio Vale das Trutas 10 km (54) 9 9957.7712



Pousada Fazenda Potreirinhos 33 km - (54) 9 9977.3482

E ainda,

Hotel Cesa (centro de SJ dos Ausentes) - (54) 323.1166

Pousada Caminho das Neves (centro) - (54) 3234.1166

Hotel Morada das Glicínias (centro) - (54) 3234.1118

Fazenda dos Ausentes Hospedagem Rural 3 km - (54) 9 9917.9097

Pousada Flor de Açucena 16 km - (54) 9 9609.4649

Pousada de Tropeiros 20 km - (54) 3883.1030

Posada Encanto de Boa Vista 29 km - (54) 9 9904.0695

Pousada Cachoeirão dos Rodrigues 32 km - (54) 9 9905.9522

Pousada Fazenda Vó Angelina 22 Km - (54) 9 9999.6991

Pousada Ecológica dos Cannyons 43 km - (54) 9 9982.9752

Pousada Fazenda Aparados da Serra 43 km - (54) 9 9961.0952

Pousada Fazenda Morro da Cruzinha 43 km - (54) 9 9118.1901



Ignacio Dalcim, mestre em História pela PUG de Roma e cursos de especialização em História da América Latina no México e São Paulo, reside atualmente em Marau, RS, dedica-se à pesquisa, sendo autor de: Em busca de uma Terra sem Males (EST); Breve HISTÓRIA DAS REDUÇÕES jesuítico-guaranis (Ed. Loyola); 90 anos de Fé e Trabalho – paróquia de Marau (Ed. Berthier); Fascínio e mistério nas Ruínas das Missões (Ed. Berthier); A vida é uma incógnita (Ed. Berthier); 50 anos de história: lutas e conquistas - sindicato dos trabalhadores e trabalhadoras rurais de Ibiraiaras- (Ed. Berthier) e alguns relatos de Viagens como: Viagem ao extremo Sul da América... ao Deserto do Atacama... pelo Oeste do Brasil... pelo Centro e Nordeste... e Viagem aos sítios arqueológicos das reduções/missões, que podem ser lidos, via online, em:

www.projetoportunidade.com.br

Pedro Uliana é o Robynson Crusóé dos Aparados da Serra. A “ilha de Pedro” chama-se Realengo. O filho de imigrantes italiano, - acusado injustamente de assassinato, por falsas testemunhas contratadas por Hélio Borges da Rocha, que não conseguiu conquistar Maria Helena, namorada do pobre coloninho de Nova Treviso, - parte de Tubarão em fuga para os campos de Bom Jesus (hoje São José dos Ausentes). Ao subir a Serra do Pilão, sob a ameaça eminente de uma tempestade, refugia-se numa vasta ponta de campos que, durante a noite, se separa do “continente gaúcho”, fruto de uma avalanche provocada pela chuva torrencial. Pedro torna-se, assim, um “naufrago” dos Aparados, permanecendo preso a montanha, onde terá que viver por diversos anos solitário, como **Prisioneiro da Montanha**. Depois de 9 anos de peculiar convivência com animais que lhe fazem companhia e ao mesmo tempo o ajudam na subsistência, bem como, a superar às agruras do inverno, Pedro desce a montanha no dia 13 de maio de 1917, vestido em peles de animais, com um papagaio no ombro e um “tesouro” às costas, reencontrando seus familiares e tornando-se, em definitivo, prisioneiro do amor de sua amada Maria Helena.

Este extraordinário romance de Fidelis Dalcin Barbosa, - autor de “Madre Paulina, a Coloninha” (14 edições), “Uma Estrela no Céu” (34 edições), “Prisioneiros do Abismo” (3 edições), e dezenas de outros livros, **conhecerá, em breve, as telas cinematográficas**, graças à iniciativa do COMTUR de Morro Grande, Santa Catarina.

(Dalcin, Ig).

